



CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

PRAÇA DA REPÚBLICA, 53 – CENTRO/SP - CEP: 01045-903
FONE: 2075-4500

PROCESSO	979448/2018 (Proc. CEE 536/2003)		
INTERESSADAS	Faculdades de Dracena		
ASSUNTO	Adequação Curricular do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas em atendimento à Del. CEE nº 111/12, alterada pela Del. CEE nº 154/17		
RELATORAS	Consª Bernardete Angelina Gatti e Consª Iraíde Marques de Freitas Barreiro		
PARECER CEE	Nº 378/2018	CES	Aprovado em 17/10/2018

CONSELHO PLENO

1. RELATÓRIO

1.1 HISTÓRICO

O Diretor Acadêmico das Faculdades de Dracena encaminha a este Conselho, pelo Ofício nº 31/18, protocolado em 13/9/18, adequação curricular do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, em atendimento à Del. CEE 111/12, alterada pela Del. CEE nº 154/17 – fls. 645.

1.2 APRECIÇÃO

O Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas teve sua última renovação do reconhecimento aprovada pelo Parecer CEE nº 416/2014 e Portaria CEE/GP nº 511/14, publicada no DOE em 19/12/14, pelo prazo de cinco anos.

O Ofício Circular AT nº 112/17, enviado à Instituição, via correio eletrônico em 07/7/17, solicitou preenchimento da planilha de análise de processo – fls. 638.

A Instituição apresentou planilha na qual foi possível verificar as adequações efetuadas, bem como as ementas e bibliografias devidamente ajustadas para cumprimento do disposto no Artigo 8º da Del. CEE nº 111/2012 (NR). Nas tabelas a seguir, verifica-se a distribuição da carga horária das disciplinas do Curso.

Quadro A – CH das Disciplinas de Formação Didático-Pedagógica

Estrutura Curricular	CH das disciplinas de Formação Didático-Pedagógica				
	Disciplinas	Ano/sem. letivo	C.H. Presencial	C.H. EAD	C.H. PCC
Psicologia do Desenvolvimento do Ciclo Vital	1º sem.	60	--	10	70
Filosofia da Educação	1º sem.	--	40	10	50
Psicologia da Aprendizagem	2º sem.	--	60	15	75
Sociologia da Educação	2º sem.	40	--	--	40
História da Educação e das Relações Etnicorraciais	2º sem.	--	40	15	55
Educação Especial e Inclusiva	3º sem.	60	--	--	60
Introdução à Metodologia de Ensino em Ciências	3º sem.	--	40	15	55
Didática Geral	3º sem.	60	--	15	75
Prática de Ensino em Ciências	4º sem.	60	--	20	80
Avaliação de Ensino e Recuperação de Aprendizagem	4º sem.	40	--	20	60
Avaliação: Instrumentos e Indicadores	5º sem.	--	40	20	60
Prática de Ensino de Biologia	5º sem.	40	--	20	60
Políticas Públicas e Legislação Educacional	5º sem.	40	--	20	60
Metodologia de Ensino e Aprendizagem em Biologia	6º sem.	80	--	20	100
Diretrizes Curriculares: Fundamentos e Práticas	6º sem.	60	--	20	80
Gestão, Planejamento e Projeto Político-Pedagógico	7º sem.	60	--	20	80
Subtotal da carga horária de PCC e EaD (se for o caso)			220		--
		600			

Subtotal da carga horária de PCC – desenvolvida por meio de Projeto Interdisciplinar em anexo		240	--
Carga horária total (60 minutos)			1060h

Quadro B – Carga Horária das Disciplinas de Formação Específica

Estrutura Curricular	CH das disciplinas de Formação Específica							CH -Total (60 min)	
	Disciplinas	Ano/ Sem. letivo	C.H. Presencial	C.H. EAD	Carga Horária Total inclui:				C.H. PCC
					Revisão				
				CH- C.E	CH- LP	CH- TICS			
Biologia Celular	1º sem.	60	--	60	--	--	10	70	
Anatomia Humana Comparada	1º sem.	60	--	--	--	--	--	60	
Química Geral e Biossegurança	1º sem.	40	--	--	--	--	--	40	
Comunicação e Expressão	1º sem.	--	40		40		10	50	
Embriologia	1º sem.	40	--	--	--	--	--	40	
Biologia Molecular	2º sem.	40	--	--	--	--	--	40	
Informática Aplicada à Educação	2º sem.	40	--	--	--	40	15	55	
Bioquímica	2º sem.	40	--	--	--	--	--	40	
Química Inorgânica e Orgânica	2º sem.	60	--	60	--	--	15	75	
Histologia	3º sem.	--	60	--	--	--	--	60	
Zoologia de Invertebrados	3º sem.	40	--	--	--	--	15	55	
Fisiologia Animal e Comparada	4º sem.	60	--	--	--	--	15	75	
Introdução à Linguagem Brasileira de Sinais	4º sem.	40	--	--	--	--	--	40	
Bioestatística	4º sem.	40	--	--	--	--	20	60	
Física e Biofísica Aplicada à Biologia	4º sem.	60	--	--	--	--	--	60	
Zoologia de Vertebrados	5º sem.	40	-	--	--	--	--	40	
Genética Geral e Humana	5º sem.	--	40	--	--	--	--	40	
Morfologia Vegetal	5º sem.	40	--	--	--	--	--	40	
Botânica e Ecologia Vegetal	6º sem.	60	--	--	--	--	--	60	
Ecologia Geral	6º sem.	--	40	-	-	-	20	60	
Parasitologia	7º sem.	60	--	--	--	--	--	60	
Biotecnologia e Bioética	7º sem.	--	60	--	--	--	20	80	
Metodologia da Pesquisa Científica	7º sem.	--	40	--	--	--	20	60	
Fisiologia Vegetal	8º sem.	40	--	--	--	--	--	40	
Educação Ambiental	8º sem.	60	60	--	--	--	--	60	
Imunologia	8º sem.	60	--	--	--	--	--	60	
Microbiologia	8º sem.	60	--	--	--	--	--	60	
Evolução	8º sem.	60	--	--	--	--	--	60	
Subtotal da carga Revisão, LP, TIC, (se for o caso)		1100	340	200h			--	--	
Subtotal da carga horária de PCC – desenvolvida por meio de Projeto Interdisciplinar em anexo							160h	--	
Carga horária total (60 minutos)								1540h	

Quadro C – CH Total do Curso

Resumo	Horas	Inclui a carga horária de
Disciplinas de Formação Didático-Pedagógica	1060h	240h - PCC 220h - EaD
Disciplinas de Formação Específica da licenciatura ou áreas correspondentes	1540h	160h - PCC 200h Revisão, LP e TICs 340h- EaD
Estágio Curricular Supervisionado	400h	-----
ATPA – Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento	200h	Projetos Interdisciplinares e Transdisciplinares distribuídos nos 08 períodos
Carga horária total	3200h	

Matriz Curricular

DISCIPLINAS	C/H.Semanal	C/H.Semestral	EAD
1º SEMESTRE			
Psicologia do Desenvolvimento e do Ciclo Vital	03	60	--
Filosofia da Educação	02	40	40
Biologia Celular	03	60	--
Anatomia Humana Comparada	03	60	--
Química Geral e Biossegurança	02	40	--
Comunicação e Expressão	02	40	40
Embriologia	02	40	--
PCC: Portfólio como Instrumento Sistematizador de Conhecimento	02	40	--
ATPA: Construção da Identidade Cultural	01	20	--
SUBTOTAL	20	400	80
2º SEMESTRE			
Psicologia da Aprendizagem	03	60	60
Sociologia da Educação	02	40	--
História da Educação e das Relações Etnicorraciais	02	40	40
Biologia Molecular	02	40	--
Informática Aplicada à Educação	02	40	--
Bioquímica	02	40	--
Química Inorgânica e Orgânica	03	60	--
PCC: Projeto Interdisciplinar: Cinema na Escola	03	60	--
ATPA: Educação Ambiental e Sustentabilidade	01	20	--
SUBTOTAL	20	400	100
3º SEMESTRE			
Educação Especial e Inclusiva	03	60	--
Didática Geral	03	60	--
Introdução à Metodologia de Ensino em Ciências	02	40	40
Histologia	03	60	60
Zoologia de Invertebrados	02	40	--
Fisiologia Animal Comparada	03	60	--
PCC: Projeto Interdisciplinar: Aprendizagem Baseada em Problemas	03	60	--
ATPA: Inclusão e Sociedade	01	20	--
SUBTOTAL	20	400	100
4º SEMESTRE			
Introdução à Linguagem Brasileira de Sinais	02	40	--
Avaliação de Ensino e Recuperação da Aprendizagem	02	40	--
Bioestatística	02	40	--
Física e Biofísica Aplicada à Biologia	03	60	--
Prática de Ensino em Ciências	03	60	--
PCC: Projeto Interdisciplinar: Reflexões do Contexto Escolar	03	60	--
ATPA: Diversidade de Gênero	01	20	--
Estágio Supervisionado	04	80	--
SUBTOTAL	20	400	--
5º SEMESTRE			
Avaliação: Instrumentos e Indicadores	02	40	40
Políticas Públicas e Legislação Educacional	02	40	--
Zoologia de Vertebrados	02	40	--
Genética Geral e Humana	02	40	40
Prática de Ensino de Biologia	02	40	--
Morfologia Vegetal	02	40	--
PCC: Metodologias na Prática Escolar	03	60	--
ATPA: Cidadania e Direitos Humanos	01	20	--
Estágio Supervisionado	04	80	--
SUBTOTAL	20	400	80
6º SEMESTRE			
Diretrizes Curriculares: Fundamentos e Práticas	03	60	--
Metodologia de Ensino e Aprendizagem em Biologia	04	80	--
Botânica e Ecologia Vegetal	03	60	60
Ecologia Geral	02	40	40
PCC: Projeto Interdisciplinar: Metodologias Inovadoras	03	60	--

ATPA: Diversidade Etnicorracial	01	20	--
Estágio Supervisionado	04	80	--
SUBTOTAL	20	400	100
7º SEMESTRE			
Gestão, Planejamento e Projeto Político-Pedagógico	03	60	--
Parasitologia	03	60	--
Biotecnologia e Bioética	03	60	60
Metodologia da Pesquisa Científica	02	40	40
PCC: Projeto Interdisciplinar: Gestão Escolar	03	60	--
ATPA: Violência: a Criança, o Adolescente e a Escola	02	40	--
Estágio Supervisionado	04	80	--
SUBTOTAL	20	400	100
8º SEMESTRE			
Fisiologia Vegetal	02	40	--
Educação Ambiental	03	60	60
Imunologia	03	60	--
Microbiologia	03	60	--
Evolução	03	60	--
Estágio Supervisionado	04	80	--
ATPA: Encontro Científico da Alta Paulista	02	40	--
SUBTOTAL	20	400	60

A estrutura Curricular do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas atende:

- Resolução CNE/CES nº 3/2007, que dispõe sobre o conceito hora-aula.
- Deliberação CEE nº 111/12, alterada pela Deliberação CEE nº 154/2017.

Detalhamento da Implantação de 20% das Disciplinas a Distância

O princípio geral adotado é a escolha de disciplinas da matriz do Curso de Pedagogia com o cuidado em não inserir disciplinas cujo conteúdo não integra o de outras ofertadas no decorrer dos demais semestres do curso. Assim, conforme quadro abaixo, apresentamos as disciplinas propostas para desenvolvimento na modalidade EaD e suas interações com as disciplinas presenciais. Esta parte do currículo é desenvolvida em integração com o Curso de Pedagogia.

1º Semestre		
Disciplina EaD	C/H	Prof. Tutor
Comunicação e Expressão	40	Profa. Ma. Lizandra do Nascimento Martins
Filosofia da Educação	40	Prof. Dr. Nivaldo Correia
2º Semestre		
História da Educação Brasileira e Relações Etnicorraciais	40	Prof. Me. Ádamo Alberto de Souza
Psicologia da Aprendizagem	60	Profa. Ma. Andréa Frizzo
3º Semestre		
Introdução à Metodologia de Ensino em Ciências	40	Prof. Me. Marco Aurélio Tavares
Histologia	40	Prof. Me. Jeisson Emerson Casemiro Ferrari
4º Semestre		
Não há disciplinas em EAD		
5º Semestre		
Genética Geral e Humana	40	Profa. Dra. Lilian Carla Sossai Panício
Avaliação: Instrumentos e Indicadores	40	Profa. Ma. Vanessa Andreto
6º semestre		
Botânica e Ecologia Vegetal	60	Prof. Me. Jeisson Emerson Casemiro Ferrari
Ecologia Geral	40	Prof. Me. Marco Aurélio Tavares
7º semestre		
Biotecnologia e Bioética	60	Profa. Dra. Bruna Camilo Turi
Metodologia da Pesquisa Científica	40	Profa. Me. Vanessa Ribeiro Andreto
8º semestre		
Educação Ambiental	60	Prof. Me. Marco Aurélio Tavares

Para tanto, os docentes foram preparados para atuar nessa modalidade de ensino de maneira que pudessem elaborar materiais didáticos com qualidade e, posteriormente, desempenhar a tutoria também com qualidade, alicerçada nos parâmetros necessários.

A formação dos docentes das Faculdades de Dracena para atuação na modalidade a distância se deu pela preocupação em cumprir o que a Portaria MEC nº 1.134, publicada no DOU em 11/10/16, estabelece sobre a exigência de “profissionais da educação com formação na área do curso e qualificados em nível compatível ao previsto no projeto pedagógico” (BRASIL, 2016).

Salientamos que as disciplinas foram elaboradas por docentes com formação específica em cada área temática, que já tinham, inclusive, experiência com sua oferta na modalidade presencial nas Faculdades de Dracena.

No próximo item, será apresentado o processo de formação docente das Faculdades de Dracena para atuar na modalidade a distância.

II - Formação Docente, Produção de Materiais e Tutoria

No intuito de seguir os parâmetros de qualidade da educação a distância, um curso de formação docente foi ofertado a todos os docentes das Faculdades de Dracena que tivessem interesse em conhecer mais sobre a modalidade.

É importante ressaltar que, para aqueles docentes que elaborariam materiais para as disciplinas selecionadas para a modalidade a distância e que fariam a tutoria, a formação foi obrigatória. Houve a preocupação de que o docente convidado para elaborar a disciplina tivesse titulação condizente para a docência no Ensino Superior na área específica de cada uma das disciplinas que foram para a modalidade a distância e já fosse docente da Instituição com experiência na docência da disciplina em caráter presencial.

O curso de formação docente foi idealizado e desenvolvido por docentes de outras Instituições de Ensino Superior que têm experiência com a modalidade de ensino a distância em formação inicial e continuada. Além disso, a coordenação de tutoria e a direção acadêmica das Faculdades de Dracena estiveram envolvidas na idealização do Curso, para que este tivesse as características almejadas pela Instituição.

O curso teve 60 horas de carga horária e foi organizado em 05 módulos, conforme pode ser visualizado no quadro a seguir:

Módulo	Temas estudados	CH
Introdução aos Estudos na Modalidade a Distância	- A postura do estudante on-line; - Organizando o tempo de estudo; - Ambiente Virtual de Aprendizagem.	05 horas
Concepção e Políticas de EaD	- Concepção de EaD; - Objetivos e características da Educação a Distância - Políticas de EaD no país; - Diferenças e vantagens da educação tradicional e a distância.	15 horas
Planejamento e Gestão de EAD e Produção de Materiais	- Projeto do sistema de EaD; - Estrutura e fundamentos do sistema de EaD; - Atores envolvidos no processo (professor especialista e professor-tutor); - Produção de materiais.	15 horas
Avaliação do Conteúdo Teórico	- Formas de avaliar; - Os tipos de avaliação.	10 horas
Prática de Tutoria em EaD	- Conceito de tutoria; - Funções do tutor; - Tipos de tutores; - Papel do tutor.	15 horas

Durante o período do Curso, dois encontros presenciais ocorreram para que essa nova modalidade de ensino nas Faculdades de Dracena pudesse ser discutida e melhor compreendida por todos os envolvidos. Além disso, foi um momento de primeiro contato com o Ambiente Virtual de Aprendizagem *Moodle*.

É importante salientar que a adoção da modalidade a distância nas Faculdades de Dracena esteve, desde sua implantação até a produção dos materiais para as disciplinas, pautada no entendimento de que o processo de ensino e aprendizagem deve ser centrado na autoaprendizagem e com a mediação de recursos didáticos organizados em diferentes suportes de informação que utilizem tecnologia remota. E, ainda, de maneira que coloque o estudante como protagonista de seu próprio processo de aquisição de conhecimentos, o que, se feito com seriedade e responsabilidade, pode favorecer a formação de profissionais mais autônomos e críticos.

Além do ambiente virtual das disciplinas, todos os docentes que exercem tutoria *on-line*, os coordenadores de curso e a direção acadêmica podem se comunicar por um ambiente denominado “Sala Coordenação de Tutoria”, em que orientações e discussões são realizadas entre os docentes tutores, coordenação de curso, direção acadêmica e coordenação de tutoria. Este ambiente é utilizado para troca de conhecimentos e informações de cunho pedagógico e tecnológico.

III – Proposta Metodológica e Estrutura das disciplinas EaD:

Conforme já apresentado, o Ambiente Virtual de Aprendizagem adotado pelas Faculdades de Dracena foi o *Moodle*. O *Moodle* é um ambiente que reúne recursos e ferramentas tecnológicas que viabilizam a elaboração e a disponibilização de materiais didáticos, bem como o acompanhamento de situações de ensino, construção de aprendizagem ativa, colaborativa e significativa.

No *Moodle*, podem ser inseridos diversos recursos e materiais, tais como: materiais de apoio em formatos de textos, editor de apresentação, imagens, vídeos, músicas, gráficos, tabelas, manuais, documentos legais, entre outros.

As ferramentas utilizadas no *Moodle* foram: Tarefa (para envio de arquivos em diferentes formatos), Fórum de discussão (proporcionando discussão, troca de conhecimentos e até mesmo materiais de forma assíncrona), Questionário, *Wiki* (possibilita a construção coletiva de produtos de forma síncrona ou assíncrona) e Chat (para esclarecimento de dúvidas de forma síncrona).

Assim, é possível proporcionar um ambiente interativo e colaborativo de aprendizagem, que auxilie o estudante no desenvolvimento dos estudos, o docente em suas atividades de ensino e até mesmo os coordenadores de curso e diretores acadêmicos na gestão de suas funções pedagógicas e administrativas, uma vez que todos têm acesso aos ambientes das disciplinas.

Os estudantes e docentes que exercem a tutoria *on-line* possuem acesso ao ambiente virtual das disciplinas em qualquer lugar, tempo, computador, *notebook* e até mesmo *smartphone*.

A elaboração dos materiais das disciplinas na modalidade a distância, especificamente dos materiais de apoio que são disponibilizados aos estudantes (em formato de apresentação ou texto, pelo docente que foi autor da disciplina), promovem a interação social para a aprendizagem, de maneira que esta deixe de ocorrer apenas de forma individual.

O estudante passa a fazer parte de um grupo social, no qual é instigado a questionar, descobrir e compreender o mundo a partir de interações com seus pares e docente tutor. Assim, estudos autodirigidos e discussões por meio de fóruns, chats e demais recursos específicos contribuem para um processo de ensino e aprendizagem mais dinâmico e inovador.

As disciplinas foram elaboradas de maneira que os conteúdos programáticos tivessem uma sequência lógica e didática. Os estudantes têm acesso, no início da disciplina, a um cronograma com as

datas de início, término e informações acerca dos materiais de leitura e atividades avaliativas, com o objetivo de ajudá-los na organização de seus estudos e na construção de sua autonomia.

Embora haja flexibilidade de tempo e horário para a realização das atividades propostas nas disciplinas a distância, todas as atividades têm prazos de entrega que deverão ser respeitados pelos estudantes.

Nesse cronograma, há a indicação dos materiais para leitura e onde podem ser encontrados, se na biblioteca física das Faculdades de Dracena, se em alguma das Bibliotecas Virtuais ou se em repositórios educacionais de artigos científicos.

É importante ressaltar que só são indicados os materiais bibliográficos dos quais a instituição possui licença, seja pela compra de livros que estão na biblioteca física ou nas bibliotecas virtuais.

Todas as atividades propostas são para cômputo da frequência e algumas são avaliativas para composição das médias dos dois bimestres. A forma de composição de média nas disciplinas a distância é a mesma das disciplinas presenciais.

Em todas as atividades propostas, os estudantes recebem uma contextualização sobre o conteúdo programático no qual a atividade se insere, qual é o objetivo desta e as informações sobre quais materiais devem ser consultados para a realização da atividade. A solicitação de leitura de livros didáticos e artigos científicos é feita em todas as atividades, bem como um material de apoio é ofertado em cada conteúdo programático aos estudantes. Nesse material de apoio, que pode ser no formato de apresentação com acréscimo de imagens e sugestões de vídeos complementares, o docente autor traz a explanação acerca do conteúdo programático no intuito de reforçar os conceitos principais e sanar eventuais dúvidas.

Caso as dúvidas persistam, no decorrer da realização das atividades, os estudantes podem entrar em contato com o docente tutor por meio de um canal rápido no próprio ambiente da disciplina denominado de “Fórum de Dúvidas”. Se houver necessidade, o docente tutor e o estudante podem marcar um dia e horário para que conversem por meio da ferramenta *Chat*.

Além disso, momentos presenciais são oportunizados aos estudantes de maneira que possam ter mais uma forma de interação com o docente tutor. Estes encontros ocorrem aos sábados. A cada bimestre, ocorrem dois encontros denominados de “Plantão Presencial”, que são agendados próximos às avaliações bimestrais. Os estudantes têm acesso às datas estabelecidas para os plantões no início da disciplina, quando uma aula inaugural é feita com a coordenação da EaD, de curso e com o docente tutor. Ademais, as datas dos plantões estão inseridas no cronograma de maneira que os estudantes possam se organizar com antecedência para participar.

Antes da realização da prova do segundo bimestre, os estudantes têm uma aula presencial para que possam fazer uma espécie de revisão dos conteúdos abordados no decorrer da disciplina, além do plantão presencial que ocorre no sábado que antecede a avaliação.

Em relação à correção das atividades propostas, é importante mencionar que o docente tutor é orientado a se organizar semanalmente de maneira que se dedique à correção das atividades e interação com os estudantes de maneira condizente com a carga horária semanal de cada disciplina. Assim, o estudante, ao realizar sua atividade, recebe a correção com *feedback* formativo e atribuição da nota, quando for o caso, no prazo máximo de uma semana após a realização.

Entretanto, há ainda a orientação de que o docente tutor acesse o ambiente virtual da disciplina o máximo de vezes que conseguir durante a semana, se possível todos os dias, para que possa responder com a maior agilidade possível as eventuais dúvidas que possam surgir.

As dúvidas de cunho tecnológico podem ser sanadas com um profissional da área tecnológica que fica nas dependências da instituição à disposição dos estudantes e docentes todos os dias. Este apoio pode ser então presencial ou remoto (por *e-mail*, *chat* e telefone).

Em relação à avaliação, esta ocorre em duas partes, por meio de atividades avaliativas *on-line*, no ambiente virtual *Moodle*, e as avaliações presenciais.

No primeiro bimestre, 50% da média são compostos pela realização das atividades avaliativas *on-line* e 50% por meio de uma avaliação *on-line* por meio da ferramenta Questionário e durante a semana de provas, prevista no calendário acadêmico.

No segundo bimestre, 30% da média são compostos pela realização das atividades avaliativas *on-line* e 70% por meio de uma avaliação presencial denominada de Avaliação Integrada, seguindo o que determina o art. 1º, § 2º da Portaria MEC nº 1.134. Nesta Avaliação Integrada, os conteúdos avaliados correspondem aos dois bimestres.

As avaliações substitutivas e de exame que são direcionadas aos estudantes que não atingiram a média para aprovação ocorrem de forma presencial e de acordo com o calendário acadêmico da Faculdades de Dracena.

2. CONCLUSÃO

2.1 Aprova-se a Adequação Curricular à Del. CEE nº 111/2012, alterada pela Deliberação CEE nº 154/2017, do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, das Faculdades de Dracena.

2.2 A Instituição deverá encaminhar três vias da estrutura curricular, ora aprovada, para devida rubrica.

2.3 A presente adequação tornar-se-á efetiva por ato próprio deste Conselho, após homologação deste Parecer pela Secretaria de Estado da Educação.

São Paulo, 04 de outubro de 2018.

a) Consª Bernardete Angelina Gatti
Relatora

a) Iraíde Marques de Freitas Barreiro
Relatora

DECISÃO DA CÂMARA

A CÂMARA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR adota, como seu Parecer, o Voto das Reladoras.

Presentes os Conselheiros Cláudio Mansur Salomão (ad hoc), Décio Lencioni Machado, Francisco de Assis Carvalho Arten, Guiomar Namó de Mello, Marcos Sidnei Bassi, Maria Cristina Barbosa Storópoli e Roque Theóphilo Júnior.

Sala da Câmara de Educação Superior, 10 de outubro de 2018.

a) Cons. Roque Theóphilo Júnior
Presidente

DELIBERAÇÃO PLENÁRIA

O CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO aprova, por unanimidade, a decisão da Câmara de Educação Superior, nos termos do Voto das Relatorias.

Sala “Carlos Pasquale”, em 17 de outubro de 2018.

Cons. Hubert Alquéres

Presidente

PARECER CEE Nº 378/18 – Publicado no DOE em 19/10/

Res SEE de 31/10/18, public. em 01/11/18

Portaria CEE GP nº 390/18, public. em 02/11/18

- Seção I - Página 28

- Seção I - Página 26

- Seção I - Página 56

PLANILHA PARA ANÁLISE DE PROCESSOS
AUTORIZAÇÃO, RECONHECIMENTO E RENOVAÇÃO DE RECONHECIMENTO DE CURSOS DE LICENCIATURA
(DELIBERAÇÃO CEE Nº 154/2017)

DIRETRIZES CURRICULARES COMPLEMENTARES PARA A FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA

PROCESSO CEE Nº: 979448/2018 (Proc. CEE nº 536/03)		
INSTITUIÇÃO DE ENSINO: FACULDADES DE DRACENA		
CURSO: LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS	TURNO / CARGA HORÁRIA TOTAL: 3.200 horas	Noturno
ASSUNTO: ADEQUAÇÃO À DELIBERAÇÃO CEE 154/2017		

1 - FORMAÇÃO DE DOCENTES PARA OS ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO

CAPÍTULO II - DELIBERAÇÃO CEE-SP Nº 111/2012		PROPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
		DISCIPLINAS (onde o conteúdo é trabalhado)	Indicar somente os textos principais da Bibliografia Básica onde o conteúdo é contemplado
Art. 8º A carga total dos cursos de formação de que trata este capítulo terá no mínimo 3.200 (três mil e duzentas) horas, assim distribuídas:			
I – 200 (duzentas) horas dedicadas à revisão de conteúdos curriculares, Língua Portuguesa e Tecnologia da Informação e Comunicação (TICs)	Art. 9º As 200 (duzentas) horas do Inciso I do Artigo 8º incluirão:	I – revisão dos conteúdos do ensino fundamental e médio da disciplina ou área que serão objeto de ensino do futuro docente;	<p>Biologia Celular</p> <p>ALBERTS <i>et al.</i> Fundamentos da biologia celular. Porto Alegre, Artmed, 2006. DE ROBERTIS; ROBERTIS, JR. Bases da biologia celular e molecular. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. JUNQUEIRA, L.C.; CARNEIRO, J. Biologia celular e molecular. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2000.</p> <p>Química Inorgânica e Orgânica</p> <p>BRADY, J. E.; HUMISTON, G. E. Química Geral. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 2005. MASTERTON, W. L., SLOWINSKI, E. J., STANTSKI, C. L. Princípios de química. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990. RUSSEL, J. B. Química Geral. São Paulo: McGraw-Hill, 2006</p>
		II - estudos da Língua Portuguesa falada e escrita, da leitura, produção e utilização de diferentes gêneros de textos bem como a prática de registro e comunicação, dominando a norma culta a ser praticada na escola;	<p>Comunicação e Expressão</p> <p>BARBOSA, Maria Aparecida. Léxico, Produção e Criatividade: Processos de Neologismo. São Paulo: Global, 1981. BERLO, David K. O Processo de Comunicação. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1972. BORDENARE, Juan E. Díaz. Além dos meios e mensagens. Rio de Janeiro: Vozes, 1983. CÂMARA JR., Mattoso. Manual de expressão oral e escrita. São Paulo: J. Ozon Editor, 1996. CHALUB, Samira. Funções da Linguagem. São Paulo. 2001 CHERRY, Colin. A comunicação humana. São Paulo: Cultrix, 1968. PENTEADO, I.R.W. A Técnica da Comunicação Humana. São Paulo: Pioneira, 1977.</p>
		III - utilização das Tecnologias da Comunicação e Informação (TICs) como recurso pedagógico e para o desenvolvimento pessoal e profissional.	<p>Informática Aplicada à Educação</p> <p>ALMEIDA, F. Educação e informática: Os computadores na escola. São Paulo: Cortez, 2005. CARVALHO, A.A.A. (Org.). Manual de ferramentas da Web 2.0 para professores. Portugal: Ministério da Educação/DGIDC, 2008. TARJA, S. F. Informática na Educação. São Paulo: Editora Érica LTDA, 2001. VELLOSO, F. C. Informática: conceitos básicos. Rio de Janeiro: Campus, 2004.</p>
CAPÍTULO II - DELIBERAÇÃO CEE-SP Nº 111/2012		PROPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
		DISCIPLINAS (onde o conteúdo é trabalhado)	Indicar somente os textos principais da Bibliografia Básica onde o conteúdo é contemplado
I - conhecimentos de História			ARON, R. As etapas do pensamento sociológico. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

<p>Art.10 - A formação didático-pedagógica compreende um corpo de conhecimentos e conteúdos educacionais, pedagógicos, didáticos e de fundamentos da educação – com o objetivo de garantir aos futuros professores dos anos finais do ensino fundamental e ensino médio as competências especificamente voltadas para a prática da docência e da gestão do ensino:</p>	<p>da Educação, Sociologia da Educação e Filosofia da Educação que fundamentam as ideias e as práticas pedagógicas;</p>	<p>Sociologia da Educação</p>	<p>FREUND, J. Sociologia de Max Weber. Rio de Janeiro: Forense University, 2006. DURKHEIM, E. Educação e Sociologia. São Paulo: Melhoramentos, 1988. LAKATOS, E. M. Sociologia Geral. São Paulo: Atlas, 2006. MEKSENAS, P. Aprendendo sociologia. São Paulo: Loyola, 2001. PILETTI, N. Sociologia da educação. São Paulo: Ática, 1997. RODRIGUES, AT. Sociologia da Educação. São Paulo: DP&A, 2003.</p>
<p>II - conhecimentos de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem para compreensão das características do desenvolvimento cognitivo,</p>	<p>II - conhecimentos de Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem para compreensão das características do desenvolvimento cognitivo,</p>	<p>História da Educação e das Relações Etnicorraciais</p>	<p>BITTAR, M. História da Educação da Antiguidade à Época Contemporânea. São Carlos: Edufscar, 2009. FALCON, F.J.C. História cultural e história da educação. Revista Brasileira de Educação v. 11 n. 32 maio/ago. 2006. GADOTTI, M. História das Ideias Pedagógicas. 2. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1994. MARCÍLIO, M. L. História da escola em São Paulo e no Brasil. São Paulo, Editora: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014. PILETTI, N. e PILETTI, C. História da Educação. São Paulo: Ática, 2002. ROMANELLI, O. O. História da Educação no Brasil (1930/1973). 35.ed. Petrópolis, RJ; Vozes, 2010. SAVIANI, D. LOMBARDI, J.C., SANFELICE, J.L. (orgs.) História e História da Educação. Campinas: Autores Associados, 2006. GOMES, N. L.; SILVA, P. B. G. Experiências étnico-culturais para formação de professores. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. ORTIZ, R. Cultura Brasileira e identidade nacional. Brasiliense: São Paulo, 1994. ROMÃO, J. Por uma educação que promova a autoestima da criança negra. Brasília: Ministério da Justiça, 2001. SILVA, T. T. da Silva, (org). Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. ROSEMBERG, F.; BAZILI, C.; SILVA, P. V. B. Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura. <i>Educação e Pesquisa</i>, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 125-146, jan./jun., 2003. SACARRÃO, G. F. Biologia e sociedade. Lisboa: Europa-América, v. II, 1989. UNESCO. História Geral da África. Brasília, Unesco, 2011 (8 volumes)</p>
		<p>Filosofia da Educação</p>	<p>ARRUDA, A. M. L. PIRES M.M.H. Filosofando, Introdução à Filosofia. São Paulo: Moderna, 2007. CHAUÍ, M. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 2005. DURMEVAL, T. M. (coord.). Filosofia da educação brasileira. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1998. LUCKESI, C.C. Filosofia da educação. São Paulo: Cortez, 1993. GAARDER, J. O Mundo de Sofia. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. SOUZA, S. M. R. Um Outro Olhar: Filosofia. São Paulo: FTD, 1995.</p>
		<p>Psicologia do Desenvolvimento e do Ciclo Vital</p>	<p>BEE, Helen L. O ciclo vital. Porto Alegre: Artmed, 1997. 656 p. BOCK, Ana Mercês Bahia. Psicologias: uma introdução ao ensino da psicologia. 13ª ed. São Paulo: Saraiva, 2000. COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. Desenvolvimento psicológico e educação. 2.ed. Porto Alegre: ARTMED, 2004. 3 v. OLIVEIRA, Marta K. Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio histórico. São Paulo, Scipione, 1997. PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. Desenvolvimento humano. 7.ed. Porto Alegre: Artmed, 2000. VYGOTSKY, L. S. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. 10ª. São Paulo: ícone. 2006.</p>

	social, afetivo e físico da população dessa faixa etária;	Psicologia da Aprendizagem	COLL, C. <i>et al.</i> O construtivismo na sala de aula. São Paulo, Ática, 1997. REGO, T. C. Vygotsky. Petrópolis, Vozes, 2004. LA TALIE, Y. de; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão. 17. ed. São Paulo: Summus, 1992. LEFRANÇOIS, Guy R. Teorias da Aprendizagem. São Paulo: Cengage, 2008.
	III - conhecimento do sistema educacional brasileiro, sua evolução histórica e suas políticas, para fundamentar a análise da educação escolar no país e possibilitar ao futuro professor entender o contexto no qual vai exercer sua prática docente;	Políticas Públicas e Legislação Educacional	BIANCHETTI, R. G. Modelo neoliberal e políticas educacionais. São Paulo: Cortez, 1996. CECCON, C. (org.) Construindo o Futuro: Ação e Articulação pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Porto Alegre: Artmed, 2000. HADDAD, F. O Plano de desenvolvimento da educação: razões, princípios e programas. Brasília: MEC/INEP, 2008. LIBÂNEO, J.C.; OLIVEIRA, J.F. E TOSCHI, M.S. Educação Escolar: políticas, estrutura e organização. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006. MENESES, J.G.(org.) Estrutura e Funcionamento da Educação Básica: leitura 2ª Ed. SP: Pioneira Thomson Learning, 1998. SAVIANI, D. A nova Lei da Educação – LDB – trajetórias, limites e perspectivas. São Paulo. Ed: Autores Associados, 1999. _____. O Plano de Desenvolvimento da Educação: análise do projeto de MEC. Educação & Sociedade. v. XXVIII,nº100, out./2007. p. 1231-1255. _____. Sistema Nacional de Educação: desafio para uma educação igualitária e federativa. Educação & Sociedade. V .XXIX.nº 105, set./dez. 2008. p.1187-1209.
	IV – conhecimento e análise das diretrizes curriculares nacionais, da Base Nacional Comum Curricular da Educação Básica, e dos currículos, estaduais e municipais, para os anos finais do ensino fundamental e ensino médio;	Diretrizes Curriculares: Fundamentos e Práticas	CNE. Resolução nº 2, de 02 de abril de 1998: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. FERNANDES, C. de Oliveira; FREITAS, L. C. de. Indagações sobre currículo: currículo e avaliação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 1998. HERNADEZ, F.; VENTURA, M. A organização do currículo por projeto de trabalho. Porto Alegre: ARTMED. 2007. MELLO, Guiomar N. de. Diretrizes curriculares nacionais para o ensino médio: parecer. Brasília: MEC/CNE, 1998. MOREIRA, A. F. B. Currículos e programas no Brasil. Campinas: Papirus, 2004. PEDRA, J. A. Currículo, Conhecimento e suas Representações. 3. ed. Campinas: Papirus, 1999. SAVIANI, N. Saber Escolar, Currículo e Didática: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2000. SILVA, T. T. & MOREIRA, F. (Org.) Currículo, Cultura e Sociedade. São Paulo: Cortez, 1994. SANTOS. L.L.C.P. O currículo como campo de luta. Presença Pedagógica, 2 (7), p. 32-39, jan./fev. 1996. SÃO PAULO (Estado). Proposta curricular do Estado de São Paulo: Língua Portuguesa, ensino fundamental - ciclo II e ensino médio, 2009. SEE – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o Ensino: Língua Portuguesa, 2008. Disponível em: < http://www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portais/18/arquivos/Prop_MAT_COMP_red_md_20_03.pdf >
	V – domínio dos fundamentos da Didática que possibilitem: a) a compreensão da natureza interdisciplinar do conhecimento e de sua contextualização na realidade	Didática Geral	A. P.; BIANCHETTI, L. (orgs). Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. pp.25-49 ANTUNES, C. As inteligências múltiplas e seus estímulos. Campinas: Papirus, 2008. CANDAUI, V. M. (org.) A didática em questão. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. HAIDT, R. C. Cazaux. Curso de Didática Geral. São Paulo: Ática, 2003. LEIS, H. R. Sobre o conceito de interdisciplinaridade. Cadernos pesquisa interdisciplinar em

<p>da escola e dos alunos; b) a constituição de uma visão ampla do processo formativo e socioemocional que permita entender a relevância e desenvolver em seus alunos os conteúdos, competências e habilidades para sua vida; c) a constituição de habilidades para o manejo dos ritmos, espaços e tempos de aprendizagem, tendo em vista dinamizar o trabalho de sala de aula e motivar os alunos; d) a constituição de conhecimentos e habilidades para elaborar e aplicar procedimentos de avaliação que subsidiem e garantam processos progressivos de aprendizagem e de recuperação contínua dos alunos; e e) as competências para o exercício do trabalho coletivo e projetos para atividades de aprendizagem colaborativa.</p>		<p>Avaliação de Ensino e Recuperação de Aprendizagem</p>	<p>ciências humanas. Florianópolis, 07 jul. 2007. pp. 3 – 22 LIBANEO, J. C. Didática: Velhos e novos temas. Goiânia: Ed. do autor, 2002. MASETTO, M. Didática: a aula como centro. São Paulo: FTD, 1997. MELLO, Guiomar, Namo. Formação inicial de professores para educação básica: uma (re)visão radical. São Paulo Perspec. vol.14 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2000 PERRENOUD, P. Dez novas competências para ensinar. Porto Alegre: ARTMED, 2000. SAVIANI, D. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. Revista Brasileira de Educação v. 14 n. 40 jan./abr. 2009. VALE, Vera do. Do tecer ao remendar: os fios da competência socio-emocional. Exedra • nº 2 • 2009. Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Coimbra. Disponível em: <http://www.exedrajournal.com/docs/N2/09A-vera-vale_pp_129-146.pdf> ZABALA, A.; ARNAU, L. Como aprender e ensinar competências. Porto Alegre: ARTMED, 2010.</p> <p>ARCAS, P. Avaliação da aprendizagem no regime de progressão continuada: o que dizem os alunos. São Paulo: 2003. BEYER, Hugo Otto. Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre: Mediação, 2005, 128p. CUNHA, M. I. (org.). Formatos avaliativos e concepção da docência. São Paulo: Autores Associados, 2005. FREIRE, Madalena (coord.) Avaliação e Planejamento, a prática educativa em questão, 2009 HOFFMAN, J. M. L. Avaliação para promover: as setas do caminho. Porto Alegre: Mediação, 2001. LUCKESI, C.C. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. São Paulo: Cortez, 2010. PERRENOUD, P. Avaliação - da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas. Porto Alegre: ARTMED, 2000. _____. Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000. RABELO, E. H. Avaliação. Novos Tempos, Novas Práticas. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998. VASCONCELLOS, C. dos S. Avaliação da Aprendizagem: Práticas de Mudança - por uma práxis transformadora. São Paulo: Libertad, 2008.</p>
<p>VI – conhecimento de Metodologias, Práticas de Ensino ou Didáticas Específicas próprias dos conteúdos a serem ensinados, considerando o desenvolvimento dos alunos, e que possibilitem o domínio pedagógico do conteúdo e a gestão e planejamento do processo de ensino aprendizagem;</p>	<p>Metodologia do Ensino e Aprendizagem em Biologia</p>	<p>Prática de Ensino de Ciências</p>	<p>CANIATO, R. Com ciência na educação. Campinas, Papirus, 2003. MARANDINO, M. et al. (org). Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa. Niterói: Eduff, 2005. MOURA, E. Biologia educacional: noções de Biologia aplicadas à Educação. São Paulo: Moderna, 1993. NARDI, Roberto. Questões Atuais no Ensino de Ciências. São Paulo: Escrituras, 1998. NARDI, Roberto, BASTOS, Fernando e DINIZ, Renato Eugênio da S. (orgs.) Pesquisas em ensino de Ciências: contribuições para a formação de professores. São Paulo: Escrituras, 2004. SEE – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o Ensino de Biologia. São Paulo, SE/CENP, 2009.</p> <p>CAMPOS, M. C. C. Didática de ciências: O ensino - aprendizagem como investigação. São Paulo: FTD, 1999. NARDI, R. Questões atuais no ensino de ciências. 1ª Ed. Coleção Educação para a Ciência. São Paulo: Escrituras, 1998. WISSMANN, H. Didática das Ciências Naturais: contribuições e reflexões. Porto Alegre: Artmed, 1998. ZABALA, A. A prática educativa, como ensina. Porto Alegre: Artmed, 1998.</p>

		Prática de Ensino de Biologia	<p>BIZZO, N.M.V. TRIVELATO, S.L.F.; KRASILCHIK, M. (Org.). Atividades para a prática de ensino de biologia. São Paulo: FEUSP, 1991.</p> <p>PACHECO, D. A Experimentação no Ensino de Ciências. Ciência & Ensino. Campinas, Vol. 2, 2000.</p> <p>PEDRANCINI, V. D.; CORAZZA-NUNES, M. J.; GALUCH, M. T. B.; MOREIRA, A. L. O. R.; RIBEIRO, A. C. Ensino e aprendizagem de Biologia no ensino médio e a apropriação do saber científico e biotecnológico. Revista Eletrônica de Enseñanza de Iás. Ciências. Vol. 6, n. 2, p. 299-309, 2007. http://www.saum.uvigo.es/reec.</p> <p>SACRISTÁN, J.G. O currículo e a reflexão sobre a prática. Porto Alegre: Artmed, 2000.</p>
		Introdução à Metodologia de Ensino de Ciências	<p>ALVES, R. Filosofia da Ciência: Introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliensis, 2000.</p> <p>ABIB, M.L.V.S. Formação de Professores de Ciências: Treinamento ou Cooperação? In: MATOS, C. (Org.). Conhecimento Científico e Vida Cotidiana. São Paulo: Ed. Terceira Margem, 2003.</p> <p>DELIZOICOV, D. Metodologia do ensino de ciências. São Paulo: Cortez, 1990.</p> <p>DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J.A.; PERNAMBUCO, M.M. Ensino de Ciências: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.</p> <p>KRASILCHIK, M. O professor e o currículo das ciências. São Paulo, EPU/EDUSP, 1987.</p> <p>SÃO PAULO, Secretaria da Educação. Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Ciências. São Paulo: SEE, 2008.</p> <p>SÃO PAULO, Secretaria da Educação. Proposta Curricular para o Ensino de Ciências e Programas de Saúde. São Paulo: SE/CENP. 1992.</p> <p>www.educacao.sp.gov.br/</p> <p>Resolução CNE/CP nº 1, de 18 de fevereiro de 2002 – Disponível em: www.portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf.</p> <p>TEIXEIRA, P.M.M. Ensino de ciências: pesquisa e reflexões. 1ª Ed. São Paulo :Holos, 2006</p>
VII – conhecimento da gestão escolar na educação nos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, com especial ênfase nas questões relativas ao projeto pedagógico da escola, regimento escolar, planos de trabalho anual, colegiados auxiliares da escola e famílias dos alunos;		Gestão, Planejamento e Projeto Político-Pedagógico	<p>ABRANCHES, Mônica. Colegiado Escolar: espaço de participação da comunidade. São Paulo: Cortez, 2003.</p> <p>BARREIRA, M. C. R. N.; CARVALHO, M. do C. B. Tendências e perspectivas na avaliação de políticas e programas sociais. São Paulo: IEE/PUC-SP, p. 101-126; 2001.</p> <p>BRASIL. Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares: conselhos escolares: uma estratégia de gestão democrática da educação pública. Brasília: MEC, SEB, 2004.</p> <p>CENPEC. Diagnóstico e plano de ação educativa: uma proposta de trabalho coletivo. Suplemento Melhoria da Educação no Município. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2003.</p> <p>COTRIM, G. Educação para uma Escola Democrática. São Paulo: Saraiva, 1991.</p> <p>DAGNINO, Evelina. Sociedade Civil, Participação e Cidadania: de que estamos falando? In: MATO, Daniel (Coord). Políticas de Ciudadania y Sociedad Civil en Tiempos de Globalización. Caracas: Faces, Universidad Central de Venezuela, 2004.</p> <p>FERREIRA, N.S.C. (org.) Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios. São Paulo: Cortez, 2001.</p> <p>GADOTTI, M. Pressupostos do projeto político-pedagógico. In: O projeto político-pedagógico da escola. Brasília, MEC/SEF, 1994, p. 21-38.</p> <p>OLIVEIRA, D. A. (org.) Gestão Democrática da educação – desafios contemporâneos. Petrópolis: Vozes, 2001.</p> <p>PADILHA, P. R. Planejamento dialógico: como construir o Projeto Político-pedagógico da escola. São Paulo: Cortez, 2001.</p> <p>PARO, V. H. Gestão democrática da escola pública. São Paulo: Ática, 2003.</p>

			<p>_____. Gestão escolar, democracia e qualidade do ensino. 1. ed. São Paulo: Ática, 2007.</p> <p>PATEMAN, Carol e. Participação e Teoria Democrática. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.</p> <p>TATAGIBA, Luciana. Os Conselhos Gestores e a Democratização das Políticas Públicas no Brasil. In: DAGNINO, E.; OLVERA, J.; PANFICHI, Aldo (Orgs). A Disputa pela construção Democrática na América Latina. São Paulo: Paz e Terra, Campinas/São Paulo: Unicamp, 2006</p> <p>VASCONCELLOS, C. dos S. Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico. 14. ed. São Paulo: Libertad, 2009.</p> <p>_____. Planejamento: Plano de Ensino-Aprendizagem e projeto educativo. São Paulo: Libertad, 1995.</p>
VIII - conhecimentos dos marcos legais, conceitos básicos, propostas e projetos curriculares de inclusão para o atendimento de alunos com deficiência;	Educação Especial e Inclusiva		<p>ALVES, F. Inclusão: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio. RJ: Wak, 2005.</p> <p>ALVES, D. O.; GOTTI, M. O. Atendimento educacional especializado: concepções, princípios e aspectos organizacionais. Ensaio Pedagógico. Brasília: MEC/SEESP, 2006. p.268-272.</p> <p>BAPTISTA, C. R.; JESUS, D. M. de. (org) LAPLANE, Adriana Lia Frizman de. et. al. Avanços em políticas de inclusão: o contexto da educação especial no Brasil e em outros países. Porto Alegre: Mediação/CDY/FACITEC, 2009.</p> <p>BEYER, H. O. Inclusão e Avaliação na escola de alunos com necessidades educacionais especiais. Porto Alegre: Mediação, 2010.</p> <p>CASTANHO, D. M.; FREITAS, S. N. Inclusão e prática no ensino superior. Revista Educação Especial, 27:85-92. 2005.</p> <p>GOES, M. C. R.; Laplane, A. L. F. Políticas e Práticas de Educação Inclusiva. Campinas: Autores Associados, 2007.</p> <p>MACHADO, <i>et al.</i> Educação Inclusiva: direitos humanos na escola. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.</p> <p>MICHELS, H. M. Gestão, formação docente e inclusão: eixos da reforma educacional brasileira que atribuem contornos à organização. In. Revista Brasileira de Educação, Vol. 11, n°. 33. Rio de Janeiro; 2006 p. 406-423.</p> <p>PERRENOUD, P. Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação. Porto Alegre: ARTMED, 2000.</p> <p>SANTOS, M. P. do; PAULINO, M. M. (org). Inclusão em educação: culturas políticas e práticas. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.</p>
IX – conhecimento, interpretação e utilização na prática docente de indicadores e informações contidas nas avaliações do desempenho escolar realizadas pelo Ministério da Educação e pela Secretaria Estadual de Educação.	Avaliação: Instrumentos Indicadores		<p>BITTAR, H. A. de F. et al. O sistema de Avaliação de rendimento Escolar do Estado de São Paulo: implantação e continuidade. Ideias, São Paulo: FDE, n. 30, 1998.</p> <p>BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Prova Brasil 2013 – Avaliação do rendimento escolar: questionário do professor. Acesso em: 6 mai. 2015</p> <p>BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Sistema de avaliação da educação básica SAEB 2013: Questionário do aluno. Acesso em: 6 mai. 2015.</p> <p>DIAS SOBRINHO, J.; BALZAN, N. C. (Org). Avaliação institucional: teoria e experiências. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.</p> <p>ENADE: http://portal.inep.gov.br/web/guest/enade</p> <p>ENEM: http://portal.inep.gov.br/web/guest/enem</p> <p>IDEB: http://portal.inep.gov.br/web/guest/ideb</p> <p>IDESP: http://idesp.edunet.sp.gov.br/o_que_e.asp</p> <p>PROVINHA BRASIL: http://portal.inep.gov.br/web/guest/provinha-brasil</p> <p>Resolução SE nº 27, de 29 de março de 1996. Dispõe sobre o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo</p> <p>Resolução SE nº 41, de 31-07-2014. Dispõe sobre a realização das provas de avaliação</p>

			relativas ao Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo – SARESP/2014. Resolução SE - 74, de 6-11-2008 . Institui o Programa de Qualidade da Escola – PQE - Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo – IDESP. SAEB: http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb
CAPÍTULO I - DELIBERAÇÃO CEE-SP Nº 111/2012		PROPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO	
		DISCIPLINA (S) (onde o conteúdo é trabalhado)	Indicar somente os textos principais da Bibliografia Básica onde o conteúdo é contemplado
Art. 8º A carga total dos cursos de formação de que trata este capítulo terá no mínimo 3.200 (três mil e duzentas) horas, assim distribuídas:	400 (quatrocentas) horas de prática como componente curricular – PCC – a serem articuladas aos conhecimentos específicos e pedagógicos, e distribuídas ao longo do percurso formativo do futuro professor, em conformidade com o item 2, da Indicação CEE nº 160/2017, referente a esta Deliberação.	PCC: Portfólio como instrumento sistematizador da produção de conhecimento – 40 horas PCC: Projeto Interdisciplinar - Cinema na Escola – 60 horas PCC: Projeto de Aprendizagem Baseada em Problemas – 60 horas PCC: Reflexões do Contexto Escolar – 60 horas PCC: Metodologias na Prática Escolar – 60 horas PCC: Metodologias Inovadoras – 60 horas PCC: Gestão Escolar – 60 horas	ALENCAR, S.E.P. O cinema na sala de aula: uma aprendizagem dialógica da disciplina história. Dissert. mestrado . Fac. de Educação. Univ. Federal do Ceará. Fortaleza/CE. 2007. ARANHA, M.L. História da Educação. 2ed. Revista Atual . São Paulo: Moderna, 1996. ARAÚJO, S. A. Possibilidades pedagógicas do cinema em sala de aula. Revista Espaço Acadêmico , n.º 79, Mensal, Dezembro/2007. ARROYO, Miguel. O significado da infância. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO INFANTIL , 1994, Brasília. Anais. Brasília: EC/SEF/DPE/COEDI. 1994. p. 88-92. BRASIL, Ministério da Educação. Parecer CNE/CES n. 744, de 3 de dezembro de 1997. Brasília, DF, 1997. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/index > acesso em 22 de jun de 2017. BRASIL, Ministério da Educação. Parecer CNE/CP n.9 de 08 de maio de 2001, Brasília, DF, 2001. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/index > acesso em 22 de jun de 2017. BRASIL. Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971 . Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF: 1971. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm >. Acesso em 23 junho de 2017. BRASIL/MEC. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional . Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996. CAMBI, F. História da Pedagogia . São Paulo: UNESP, 1999 CANAVARRO, A. P., MARTINS, C. e ROCHA, I. (2007). Avaliação na formação de professores. Alguns pontos para discussão . Disponível em: < http://www.esev.ipv.pt/eiem2007/index_ficheiros/GD%20%20Professores.doc > Acesso em 26 de jun. de 2017. CARMO, L. Revista Ibero Americana de Educação . No. 32: Maio-Agosto 2003. Disponível em acesso em: 2010 DUARTE, R. Cinema & Educação . – Belo Horizonte: Autêntica, 2002. FAZENDA, Ivani. Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa . 4 ed. Campinas: Papirus, 1999. FREIRE, P. Pedagogia da autonomia . Saberes necessários à prática educativa. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 HERNÁNDEZ, F. & VENTURA, M. A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio . Porto Alegre: ArtMed, 1998. LEITE, S. A. S. A construção da escola pública democrática: algumas reflexões sobre a política educacional. In: Orientação à queixa escolar . São Paulo: Casa do Psicólogo. 2007 LIBÂNEO, J. C. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos . São Paulo: Loyola, 1992. LIBÂNEO, José Carlos. Didática . 13 Ed. São Paulo: Cortez, 1994. LÜCK, H. et al. A escola participativa: o trabalho do gestor escolar . 4.ed. Rio de Janeiro:

DP&A, 1985
 MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.
 MORAN, J.M. **O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD - uma leitura crítica dos meios**. Programa TV Escola - Capacitação de Gerentes", realizado pela COPEAD/SEED/MEC em Belo Horizonte e Fortaleza, no ano de 1999.
 MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000
 PEIXOTO, L. **Porque uma Base Nacional Comum Curricular?** [online] 2015. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/por-que-uma-base-nacional-comum-curricular-1.html>> Acesso em: 24 de junho de 2017.
 Pereira, J. E. D. A prática como componente curricular na formação de professores. **Rev. Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 2, p. 203-218, maio/ago. 2011.
 SÁ-CHAVES, I. **Os "portfolios" reflexivos (também) trazem gente dentro. Reflexões em torno do seu uso na humanização dos processos educativos**. Porto: Porto Editora, 2005.
 SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991
 SOUSA, C. P. **Evocação da entrada na escola: relatos autobiográficos de professoras e professores**. In: BUENO, B. O. et al. (Org.). A vida e o Ofício dos Professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração. São Paulo: Escrituras, 1998, p.31-44.
 SOUZA NETO, Samuel; SILVA, Samuel Pinto da. Prática como componente curricular: questões e reflexões. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 889-909, set/dez 2014.
 VEIGA SIMÃO, A. M., LOPES DA SILVA, A. & SÁ, I (Orgs.) **Autorregulação da Aprendizagem: das Concepções às Práticas**. Coleção Ciências da Educação. Lisboa: Educa & Ui&dCE. 2005
 VIANA, M. C. V., Perfeccionamiento del currículo para la formación de profesores de matemática en la UFOP. **Tese de Doutorado**. ICCP-Cuba. 2002.

2 - FORMAÇÃO DE DOCENTES, ESTÁGIO SUPERVISIONADO - ANOS FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO

PROPOSTA DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO

CAPÍTULO II - DELIBERAÇÃO CEE-SP Nº 111/2012

Descrição Sintética do Plano de Estágio

Indicar somente os textos principais da Bibliografia Básica Específica para o Estágio

<p>Art. 11 O estágio supervisionado obrigatório, previsto no inciso III do art. 8º, deverá ter projeto próprio e incluir:</p>	<p>I – 200 (duzentas) horas de estágio na escola, em sala de aula, compreendendo o acompanhamento do efetivo exercício da docência nos anos finais do ensino fundamental e no ensino médio, bem como vivenciando experiências de ensino, na presença e sob supervisão do professor responsável pela classe na qual o estágio está sendo cumprido e sob orientação do professor da Instituição de Ensino Superior;</p> <p>II – 200 (duzentas) horas dedicadas ao acompanhamento das atividades</p>	<p>O estágio será realizado com ênfase em procedimentos de observação e reflexão, por meio do acompanhamento, da participação e execução de projetos de docência e gestão educacional, da avaliação do ensino, das aprendizagens e de projetos pedagógicos. Será desenvolvido nos anos finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio. Constará com três aspectos básicos: 1.Observação: observar e relatar em formulário as características físicas e pedagógicas da escola; as características da clientela escolar; os aspectos didáticos e pedagógicos utilizados. 2.Participação: prestar auxílio didático-pedagógico à coordenação e aos professores na forma de reforço aos alunos. 3.Regência: elaborar em formulário próprio, um plano de aula; confeccionar material didático pedagógico para aula prática, ministrar a aula, segundo o Plano e autoavaliar seu desempenho.</p> <p>Elaboração em formulário específico, de relatório das atividades escolares de reforço e dissertação sobre as suas</p>	<p>BARREIRO, I.M. de F.; GEBRAN, R.A. Prática de Ensino e Estágio supervisionado na formação de professores. 2006. CARVALHO, A.M.P de. Os estágios nos cursos de licenciatura. 2012. PIMENTA, S. G. O estágio na formação de professores: unidade, teoria e prática. 2009 PIMENTA, S. G.; LIMA, Maria do S. L. Estágio e docência. 2007</p> <p>OLIVEIRA, D.A. Gestão Democrática da educação – desafios contemporâneos.2009</p>
---	---	--	---

	da gestão da escola dos anos finais do ensino fundamental e do ensino médio, nelas incluídas, entre outras, as relativas ao trabalho pedagógico coletivo, conselhos da escola, reuniões de pais e mestres, reforço e recuperação escolar, sob orientação do professor da Instituição de Ensino Superior e supervisão do profissional da educação responsável pelo estágio na escola, e, em outras áreas específicas, se for o caso, de acordo com o Projeto de Curso de formação docente da Instituição.	conclusões acerca do processo de ensino-aprendizagem, fundamentando-se nas atividades de Observação, Participação.	PARO, V. H. Gestão Democrática da escola . 2010 CENPEC. Diagnóstico e plano de ação educativa: uma proposta de trabalho coletivo . 2009 MARIOTINI, S. D. A Contribuição dos Horários de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) na Formação Continuada de Professores Iniciais . Dissertação (Mestrado em Educação). 2007 TARDIF. M. Saberes Docentes e Formação Profissional . 2006
	Parágrafo único – Os cursos de Educação Física e Artes deverão incluir estágios em educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, nos termos deste artigo. (Acréscimo)		

Síntese dos Projetos Integradores - Propostas para atender às PCCs - 400h

Projeto Integrador I – 1º semestre – (Projeto interdisciplinar: “Portfólio como instrumento sistematizador de conteúdo” – 40 horas). Disciplinas relacionadas: **Psicologia do Desenvolvimento e do Ciclo Vital, Filosofia da Educação, Biologia Celular, Comunicação e Expressão.**

Por meio da interdisciplinaridade o aluno desenvolverá, juntamente com os demais estudantes, atividades em que esteja presente o uso do portfólio como uma maneira de articular os conhecimentos experienciais dos estudantes, com a teoria oriunda das disciplinas e à realidade escolar em que serão inseridos após a formação inicial como professores de Biologia.

Projeto Integrador II – 2º Semestre – (Projeto interdisciplinar: “Cinema na Escola” - 60 horas). Disciplinas relacionadas: **Psicologia da Aprendizagem, História da Educação e das Relações Etnicorraciais, Tipologias, Informática Aplicada à Educação, Química Inorgânica e Orgânica.**

Serão utilizados filmes ou documentários que retratem o contexto escolar, e que promovam a reflexão sobre os problemas que circundam a escola e as possíveis estratégias para amenizar ou sanar tais dificuldades.

Projeto Integrador III – 3º Semestre – (Projeto Interdisciplinar: “Aprendizagem Baseada em Problemas – 60 horas). Disciplinas relacionadas: **Didática Geral, Introdução à Metodologia de Ensino em Ciências, Fisiologia Animal Comparada e Zoologia dos Invertebrados.**

Serão trabalhados com situações-problema que retratem a realidade vivenciada no contexto contemporâneo escolar. A Aprendizagem Baseada em Problemas é um método de aprendizagem significativo e eficaz, que será utilizado nesta prática para a reflexão e construção de conhecimentos e soluções para algumas situações vivenciadas pelo professor em sua prática profissional (por exemplo: violência sexual, bullying, etc).

Projeto Integrador IV – 4º Semestre – (Projeto Interdisciplinar: “Reflexões do Contexto Escolar” – 60 horas). Disciplinas relacionadas: **Avaliação do Ensino e Recuperação de Aprendizagem, Prática de Ensino em Ciências e Bioestatística.**

Serão produzidas reflexões sobre o contexto escolar, aproveitando as vivências do estágio supervisionado. Será utilizada a técnica de produção de narrativas, em que o aluno poderá descrever algumas vivências observadas na escola, tais como: relação professor/aluno; relação gestão/professores, prática de ensino dos conceitos de Ciências e Bioestatística, estratégias para a construção da autonomia, etc).

Projeto Integrador V – 5º Semestre – (Projeto Interdisciplinar: “Metodologia na Prática Escolar”- 60 horas). Disciplinas relacionadas: **Avaliação, Avaliação: Instrumentos e Indicadores, Políticas Públicas e Legislação Educacional, Interpretação Prática de Ensino de Biologia.**

O aluno deverá desenvolver, a partir de uma de suas vivências na prática do estágio, um projeto de caráter interdisciplinar (baseado na Pedagogia por Projetos), visando à ressignificação do espaço escolar, transformando-o num espaço vivo de interações, aberto ao real e às suas múltiplas dimensões. Essa prática permitirá o crescimento do estudante no que tange o conhecimento de procedimentos de ensino aprendizagem que contemplem e se adequem à perspectiva interdisciplinar.

Projeto Integrador VI – 6º Semestre – (Projeto Interdisciplinar: “Metodologias Inovadoras” – 60 horas). Disciplinas relacionadas: **Metodologia de Ensino e Aprendizagem em Biologia, Ecologia Geral e Diretrizes Curriculares: Fundamentos e Práticas.**

O estudante participará de grupos de estudo que permitirão, por meio de pesquisas, dos saberes experienciais advindos da prática do estágio na escola e de reflexões, a análise de metodologias inovadoras que estão sendo utilizadas no contexto escolar e que possam fazer diferença no processo de ensino-aprendizagem de seus futuros alunos por meio de suas práticas pedagógicas.

Projeto Integrador VII – 7º Semestre – (Projeto Interdisciplinar: “Gestão Escolar”, 60 horas). Disciplinas relacionadas: **Gestão Planejamento e Projeto Político-Pedagógico, Metodologia da Pesquisa Científica e Biotecnologia e Bioética.**

Os estudantes trabalharão com situações-problema (Aprendizagem Baseada em Problemas) que retratem a realidade vivenciada no contexto de gestão escolar. Esta proposta visa a uma aproximação da realidade que envolve a atuação do gestor na escola, permitindo a construção de conhecimentos e vivências sobre este processo. O conhecimento do cenário escolar à luz de sua gestão se faz como primordial no desenvolvimento do processo de formação dos futuros professores, uma vez que poderão atuar como gestores escolares e precisarão assumir uma postura inovadora, democrática e participativa.

OBSERVAÇÃO:

Destacamos que todos os projetos interdisciplinares ligados à PCC estarão, além de articulados na verticalidade, ou seja, dentro das disciplinas propostas em cada semestre, também na horizontalidade, ou seja, articulados aos projetos integradores dos demais semestres. Exemplo: o Portfólio é um instrumento avaliativo que será trabalhado no primeiro semestre e que depois será utilizado como um dos instrumentos avaliativos para as atividades propostas dentro dos demais projetos integradores desenvolvidos no decorrer de todo curso.

EMENTÁRIOS E BIBLIOGRAFIAS DOS COMPONENTES CURRICULARES

1º SEMESTRE

PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO E DO CICLO VITAL : EMENTA: Análise do desenvolvimento humano, na inter-relação das suas dimensões biológica, sociocultural, afetiva e cognitiva. Estudo dos principais fenômenos e processos de desenvolvimento humano e do ciclo vital do período pré-natal até a morte em diferentes contextos socioculturais. Compreensão da relação entre desenvolvimento humano e processo educativo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BEE, H. L. **O ciclo vital.** Porto Alegre: ARTMED, 1997.

BOCK, A. M. B. **Psicologias: uma introdução ao ensino da psicologia.** 13 ed. São Paulo: Saraiva, 2000.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio histórico.** São Paulo, Scipione, 1997.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano.** 7.ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

VYGOTSKY, L. S. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 10 ed. São Paulo: Ícone, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ARIES, P. **História Social da Criança e da Família.** Rio de Janeiro: LTC, 2006.

DESSEN, M.A.; COSTA JUNIOR, A.L. **A ciência do desenvolvimento humano: Tendências atuais e perspectivas futuras.** Porto Alegre: ARTMED, 2001.

EIZIRIK, C. Laks. **O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica.** Porto Alegre: ARTMED, 2007.

ERIKSON, Erik H. **O ciclo de vida completo.** Porto Alegre: ARTMED, 1998.

GET, J. **O nascimento da inteligência na criança.** 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

LA TALIE, Y. de; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão.** 17. ed. São Paulo: Summus, 1992.

FMCSV. **Primeira Infância.** Disponível em: <http://www.fmcsv.org.br/Pt-br/acervodigital/>

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO: EMENTA: A natureza da atividade filosófica e sua relação com a educação no aprimoramento crítico e investigativo do professor, articulando as reflexões filosóficas com as questões pertinentes à área pedagógica, bem como, explicitando os pressupostos do ato de educar, ensinar e aprender em relação a situações concretas de sala de aula a partir do debate de temas relacionados ao conhecimento, à realidade e à ética. Reflexões sobre questões educacionais contemporâneas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARRUDA, A. M. L. PIREZ M. M. H. **Filosofando, Introdução à Filosofia.** São Paulo: Moderna, 2007.

CHAUÍ, M. **Convite à Filosofia.** São Paulo: Ática, 2005.

DURMEVAL, T. M. (coord.). **Filosofia da educação brasileira.** Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1998.

LUCKESI, C.C. **Filosofia da educação.** São Paulo: Cortez, 1993.

GAARDER, J. **O Mundo de Sofia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SOUZA, S. M. R. **Um Outro Olhar: Filosofia.** São Paulo: FTD, 1995.

SEVERINO, A. J. **Filosofia da educação construindo a cidadania.** São Paulo: FTD, 1994.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

COTRIM, G. **Fundamentos da Filosofia.** São Paulo: Editora Saraiva, 1996.

JERPHAGNON, L. *História das Grandes Filosofias*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda., 1992.

MARCONDES, D. *Iniciação à História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge ZAHAR Editor, 1997.

SAVIANI, D. **Educação. Do senso comum à consciência filosófica**. São Paulo: Cortez, 1980.

_____. **Escola e democracia**. São Paulo: Cortez, 1988.

BIOLOGIA CELULAR : EMENTA: Introdução e Histórico da Biologia Celular. Técnicas e métodos utilizados no estudo da célula. Estudo da organização morfofuncional das células e de seus constituintes. Morfologia e fisiologia das membranas celulares. Citoesqueleto. Morfologia e fisiologia das organelas celulares. Morfologia e fisiologia do núcleo celular. Ciclo e Divisão Celular. Estudo dos processos biológicos fundamentais da célula. Transporte de substâncias através da membrana plasmática. Biologia das interações celulares com o meio extracelular. Síntese de substâncias orgânicas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ALBERTS *et al.* **Fundamentos da biologia celular**. Porto Alegre, Artmed, 2006.

DE ROBERTIS; ROBERTIS, JR. **Bases da biologia celular e molecular**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

JUNQUEIRA, L.C.; CARNEIRO, J. **Biologia celular e molecular**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ALBERTS, B *et al.* **Biologia molecular da célula**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2010.

KUHNEL, W. **Citologia, histologia e anatomia microscópica – Texto e Atlas**. São Paulo: Artmed, 2005.

NELSON, D. L.; COX, M. **Princípios de bioquímica de Lehninger**. São Paulo, Sarvier, 2011.

ANATOMIA HUMANA COMPARADA: EMENTA: Histórico e conceitos de anatomia. Posição anatômica. Estudos Anatômicos Comparativos dos sistemas do organismo humano e dos vertebrados. Sistema Tegumentar. Sistema Esquelético. Sistema Muscular. Sistema Nervoso. Sistema Digestório. Sistema Respiratório. Sistema Circulatório. Sistema Urinário. Sistema Genital Masculino e Feminino. Sistema Endócrino. Órgãos dos Sentidos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

DANGELO, J. G.; FATTINI, C. A. **Anatomia humana sistêmica e tegumentar**. São Paulo: Atheneu, 2006.

FATTINI, C. A. **Anatomia Básica dos sistemas orgânicos**. São Paulo: Atheneu, 2006.

HILDEBRAND, M.; GOSLOW, G. **Análise da estrutura dos Vertebrados**. 2ª edição. São Paulo: Edições Atheneu, 2006.

TORTORA, G. J.; GRABOWSKI, S. R. **Corpo Humano: Fundamentos de Anatomia e Fisiologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

QUÍMICA GERAL E BIOSSEGURANÇA: EMENTA: Introdução ao estudo da Química. Teoria e estrutura atômica. Classificação periódica dos elementos. Ligações químicas. Soluções. Noções básicas de laboratório, segurança no laboratório; ações voltadas para a prevenção, minimização ou eliminação de riscos. Contaminações radioativas e suas fontes, gerenciamento de resíduos e mapas de segurança. Preparo de soluções e realização de experimentos práticos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BACCAN, N. **Química Analítica Quantitativa Elementar**. São Paulo: Edgard Blucher, 2001.

BRADY, J. E.; HUMISTON, G. E. **Química Geral**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 2005.

GRIST, N. R. **Manual de biossegurança para laboratório**. 2ª ed. Livraria Santos, São Paulo. 1995.

HIRATA, M. H. & FILHO, J. M. **Manual de biossegurança**. Editora Manole, São Paulo. 2001.

RUSSEL, J. B. **Química Geral**. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

TEIXEIRA, P., & VALLE, S. **Biossegurança: uma abordagem multidisciplinar**. FIOCRUZ, Rio de Janeiro. 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ATKINS, P.; JONES, L. **Princípios de Química: Questionando a Vida Moderna e o Meio Ambiente**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

JONES, C. J. **A química dos elementos do bloco d e f**. Porto Alegre: Bookman, 2002.

MASTERTON, W. L.; SLOWINSKI, E. J.; STANTSKI, C. L. **Princípios de Química**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990.

COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO EMENTA: Teoria da comunicação humana, a semiótica ou teoria dos Signos, problemas da comunicação. A expressão e a comunicação escrita. A função da linguagem e a mensagem. A expressão e comunicação oral e a lógica do discurso.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, Produção e Criatividade: Processos de Neologismo**. São Paulo: Global, 1981.

BERLO, David K. **O Processo de Comunicação**. Rio de Janeiro: Fundo de Cultura, 1972.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Henry Holt and Company, 1933.

BORDENARE, Juan E. Diaz. **Além dos meios e mensagens**. Rio de Janeiro: Vozes, 1983.

CALDAS, Waldemir. **Cultura de Massas**. São Paulo: Global, 1991.

- CÂMARA JR., Mattoso. **Manual de expressão oral e escrita**. São Paulo: J. Ozon Editor, 1996.
- _____. **Linguística e Semiologia**. São Paulo: J. Ozon Editor, 1999.
- CHALUB, Samira. **Funções da Linguagem**. São Paulo. 2001
- CHERRY, Colin. **A comunicação humana**. São Paulo: Cultrix, 1968.
- DOR, Jöcl. **Introdução a leitura de Lacan – inconsciente estruturado como linguagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- ECO, Humberto. **As formas de conteúdo**. São Paulo: Perspectivas, 1974.
- GUARESCHI, Pedrinho A. **Comunicação e controle social**.
- HYELMSLEV, L. **Prolegômenos e uma Teoria da Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- PENTEADO, I.R.W. **A Técnica da Comunicação Humana**. São Paulo: Pioneira, 1977.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguísticas Geral**. São Paulo: Cultrix, 1972.
- WITTER, G. P. **Psicolinguísticas. Manual de linguística**. Petrópolis: Vozes, 1979
- BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR**
- HYELMSLEV, L. **Prolegômenos e uma Teoria da Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- PENTEADO, I.R.W. **A Técnica da Comunicação Humana**. São Paulo: Pioneira, 1977.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 1972.
- WITTER, G. P. **Psicolinguística. Manual de Linguística**. Petrópolis: Vozes, 1979

EMBRIOLOGIA :EMENTA: Aspectos da embriologia geral e humana com noções comparativas entre diferentes classes de animais. Gametogênese animal. Fecundação, fertilização e segmentação. Anexos embrionários. Primeiras fases do desenvolvimento embrionário: estudo comparativo entre vertebrados. Desenvolvimento Embrionário Humano. A blastulação e gastrulação. Folhetos germinativos, diferenciação e destino. Origem embrionária dos tecidos. Organogênese e teratogênese

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- CARLSON BM. **Embriologia Humana e Biologia do Desenvolvimento**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan; 1996. GARCIA, S.M.L.; FERNÁNDEZ, C.G. **Embriologia**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- MELLO, R. A. **Embriologia Humana**. São Paulo: Atheneu, 2000.
- PERSAUD, M. **Embriologia Básica**. Rio de Janeiro: Elsevier: 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- GARTNER, L. P.; HIATT, J. L. **Histologia Essencial**. São Paulo: Elsevier Brasil, 2012.
- MOORE, K. L.; PERSAUD, T. V. N. **Embriologia básica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.
- WOLPERT, L.; BEDDINGTON, R.; BROCKES, J.; JESSELL, T.; LAWRENCE, P.; MEYEROWITZ, E. **Princípios de Biologia do Desenvolvimento**. Porto Alegre: Artmed, 2000

2º SEMESTRE

PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM: EMENTA: Abordar as principais teorias da aprendizagem. As escolas teóricas: interacionismo; socioconstrutivismo; psicanálise; psicogenética; pós-construtivismo. Aspectos do desenvolvimento: afetivo-emocional, cognitivo, psicomotor, psicossocial, social. Contribuições da perspectiva teórico-cognitiva e histórico-cultural para o estudo do processo de ensino, aprendizagem e desenvolvimento do adolescente e suas implicações para o contexto educativo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- COLL, C.; PALACIOS, J.; MARCHESI, A. **Desenvolvimento psicológico e educação**. 2.ed. Porto Alegre: ARTMED, 2004. 3 v.
- COLL, C. *et al.* **O construtivismo na sala de aula**. São Paulo: Ática, 1997.
- OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento, um processo sócio histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.
- REGO, T. C. **Vygotsky**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- PAPALIA, D. E.; OLDS, S.W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 7. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- LA TALIE, Y. de; OLIVEIRA, M. K. de; DANTAS, H. **Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. 17. ed. São Paulo: Summus, 1992.
- LEFRANÇOIS, Guy R. **Teorias da Aprendizagem**. São Paulo: Cengage, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- CATANIA, A. C. **Aprendizagem: Comportamento, linguagem e Cognição**. 4. ed. Porto Alegre: ARTMED, 1999.
- DAVIS, C.; OLIVEIRA, Z. de. **Psicologia na Educação**. 2. ed. rev. São Paulo: Cortez, 1994.
- FONTANA, D. **Psicologia para professores**. 2. ed. São Paulo: Manole, 1991.
- GOULART, I. B. **Psicologia da Educação: fundamentos teóricos e aplicações à prática pedagógica**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- NOVAES, M. H. **Psicologia da Educação e Prática Profissional**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

PULASKI, S. **Compreendendo Piaget – uma introdução ao desenvolvimento cognitivo da criança**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1996.
 VYGOTSKY, L. S.; COLE, M. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SOCIOLOGIA DA EDUCAÇÃO: EMENTA: Introdução aos paradigmas clássicos e contemporâneos; as grandes questões da Sociologia: Sociedade, educação e divisão do trabalho: o objeto de análise da sociologia da educação; Pensamento social e educação: ilusão e crítica; Pensamento social e educação: resistência cultural e transformação social e emancipação; estrutura social e desempenho escolar.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

DURKHEIM, E. **Educação e Sociologia**. São Paulo: Melhoramentos, 1988.
 FREITAG, B. **Escola, Estado e Sociedade**. 6ª edição. São Paulo: Editora Moraes, 1986.
 PILETTI, N. **Sociologia da educação**. São Paulo: Ática, 1997.
 QUINTANEIRO, T. et al. **Um toque de clássicos**. Durkheim, Marx e Weber. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
 RODRIGUES, AT. **Sociologia da Educação**. São Paulo: DP&A, 2003.
 SAVIANI, DI. **Escola e Democracia**. 20ª edição. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1988.
 WEBER, M. **Ensaio de sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

D'INCAO, M. A. **Sociabilidade: espaço e sociedade**. São Paulo: Grupos Editora, 1999.
 _____. **O Brasil não é mais aquele... mudanças sociais após a redemocratização**. São Paulo: Cortez, 2001.
 FREIRE, P. **Política e educação**. São Paulo: Cortez, 2001.
 KRUPPA, S. M.P. **Sociologia da educação**. São Paulo: Cortez, 1995.
 LOMBARDI, J.C.; SAVIANI, D.; NASCIMENTO, M. I. M. **A escola pública no Brasil: história e historiografia**. Campinas: Autores Associados, 2005.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO E DAS RELAÇÕES ETNICORACIAIS: EMENTA: História dos movimentos e ideias educacionais: A análise do pensamento dominante nos vários momentos históricos. As ideias pedagógicas elaboradas historicamente e suas mediações na prática educacional. Relações sociais e etnicorraciais no Brasil analisadas a partir de aspectos conceituais, históricos, legais e políticos. Movimentos sociais e as questões etnicorraciais. Análise e crítica da articulação entre o referencial teórico e o desenvolvimento de práticas pedagógicas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BITTAR, M. **História da Educação da Antiguidade à Época Contemporânea**. São Carlos: Edufscar, 2009.
 FALCON, F.J.C. História cultural e história da educação. **Revista Brasileira de Educação** v. 11 n. 32 maio/ago. 2006.
 GADOTTI, M. **História das Ideias Pedagógicas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Ática, 1994.
 MARCÍLIO, M. L. **História da escola em São Paulo e no Brasil**. São Paulo, Editora: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2014.
 PILETTI, N. e PILETTI, C. **História da Educação**. São Paulo: Ática, 2002.
 ROMANELLI, O. O. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 35.ed. Petrópolis, RJ; Vozes, 2010.
 SAVIANI, D. LOMBARDI, J.C., SANFELICE, J.L. (orgs.) **História e História da Educação**. Campinas: Autores Associados, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

CNE/MEC, que "instituiu Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro- Brasileira e Africana". 17 de junho de 2004
 INEP - UNESCO Coleção "Grandes Educadores" disponível em www.dominiopublico.gov.br.
 MELATTI, J.C. **Índios do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1980.
 XAVIER, M. E.; RIBEIRO, M. L.; NORONHA, O. M. **História da Educação: a escola no Brasil**. São Paulo: FTD, 1994.
 MANACORDA, M.J. **História da Educação: da antiguidade aos nossos dias**. São Paulo: Cortez, 1989.
 SILVA, T. T. da Silva, (org). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
 ROSEMBERG, F.; BAZILI, C.; SILVA, P. V. B. **Racismo em livros didáticos brasileiros e seu combate: uma revisão da literatura**. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 125-146, jan./jun., 2003.

BIOLOGIA MOLECULAR: EMENTA: Introdução e histórico da Biologia Molecular. Bases moleculares dos constituintes celulares: água, minerais, carboidratos, lipídios, proteínas e enzimas, ácidos nucleicos Mecanismos moleculares dos processos vitais da célula: Replicação, Transcrição, Biossíntese de Proteínas, Mutações e suas consequências Bases moleculares da expressão gênica. Regulação da expressão gênica. Câncer. Perspectivas atuais da Biologia Molecular.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ALBERTS, B. *et al.* **Biologia molecular da célula**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2006.
 DE ROBERTIS; ROBERTIS, JR. **Bases da biologia celular e molecular**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

JUNQUEIRA, L.C.; CARNEIRO, J. **Biologia celular e molecular**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2000.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

EYNARD, A. R.; VALENTICH, M. A. ROVASIO, R. Histologia e Embriologia Humanas: Bases Celulares e Moleculares. **Porto Alegre: Artmed, 2011.**

NELSON, D. L.; COX, M. **Princípios de bioquímica de Lehninger**. São Paulo, Sarvier, 2002.

VIEIRA, E. C. **Bioquímica Celular e Biologia Molecular**. São Paulo: Atheneu, 2002

INFORMÁTICA APLICADA À EDUCAÇÃO: EMENTA: Introdução à ciência da computação. Manipulação de arquivos e pastas. Aplicativos oferecidos por um sistema operacional. Noções de planilhas eletrônicas e de gráficos. Características gerais do uso do computador no ensino. Programas educativos. Exemplos de experiências de uso do computador. Possibilidade de uso do computador na formação de professor no ensino. Exploração de software para o ensino e educação.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ALMEIDA, F. **Educação e informática: Os computadores na escola**. São Paulo: Cortez, 2005.

CARVALHO, A.A.A. (Org.). **Manual de ferramentas da Web 2.0 para professores**. Portugal: Ministério da Educação/DGIDC, 2008.

TARJA, S. F. **Informática na Educação**. São Paulo: Editora Érica LTDA, 2001.

VELLOSO, F. C. **Informática: conceitos básicos**. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CANTALICE, W. **Manual do Usuário - 5 em 1 – Windows Vista Ms Office 2007**. São Paulo: Brasport, 2007.

CAPRON, H. L., JOHNSON, J. A. **Introdução à Informática**. São Paulo: Pearson/Prentice Hall, 2004.

SILVA, Mario Gomes da. **Terminologia Básica: Windows XP, Word XP**. São Paulo: Editora Érica LTDA, 2002.

BIOQUÍMICA: EMENTA: Introdução à Bioquímica dos Aminoácidos, Peptídeos e Proteínas, Enzimas, Carboidratos e Lipídios. Principais Vias Metabólicas. Metabolismo dos Carboidratos, dos Lipídios e das Proteínas. Princípios de bioenergética; metabolismo anaeróbico: fosfocreatina e glicogênio. Metabolismo aeróbico: ácidos graxos, respiração celular e fosforilação oxidativa; papel dos aminoácidos no metabolismo oxidativo. Alterações bioquímicas, fisiológicas e patológicas. Doenças e sua correlação bioquímica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CAMPBELL, M. K. **Bioquímica**. Porto Alegre, Artes Médicas, 2005.

CHAMPE, P. C.; HARVEY, R. A. **Bioquímica Ilustrada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

LEHNINGER, A. L.; NELSON, D. L.; COX, M. M. **Princípios de Bioquímica**. São Paulo: Sarvier, 2002.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

NELSON, D. L.; COX, M. **Princípios de bioquímica de Lehninger**. São Paulo, Sarvier, 2011.

VIEIRA, E. C.; GAZZINELLI, G. MARESGUIA, M. **Bioquímica Celular e Biologia Molecular**. São Paulo: Atheneu, 2002.

VOET, D.; VOET, J.G.; PRATT, C.W. **Fundamentos de Bioquímica**, Porto Alegre: Artmed-Bookman, 2000, 2008.

QUÍMICA INORGÂNICA E ORGÂNICA: EMENTA: Introdução ao estudo da Química Inorgânica e Orgânica. Estrutura e propriedades do Carbono. Cadeias Carbônicas. Funções Orgânicas. Reações Orgânicas. Sistemas ácido-base. Propriedades físicas e químicas, métodos de obtenção e aplicação dos principais elementos dos blocos s, p e d da tabela periódica. Os elementos químicos e o meio ambiente. Materiais Inorgânicos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BRADY, J. E.; HUMISTON, G. E. **Química Geral**. Rio de Janeiro: Livros técnicos e científicos, 2005.

MASTERTON, W. L., SLOWINSKI, E. J., STANTSKI, C. L. **Princípios de química**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1990.

RUSSEL, J. B. **Química Geral**. São Paulo: McGraw-Hill, 2006

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ATKINS, P.; JONES, L. **Princípios de Química: Questionando a Vida Moderna e o Meio Ambiente**. Porto Alegre: Bookman, 2011.

BRUICE, P. Y. **Química Orgânica**. São Paulo: Prentice Hall Brasil, 2006

FRYHLE, C. F.; SOLOMONS, T. W. G. **Química Orgânica**. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

SHRIVER, D. F.; ATKINS, P. W. **Química Inorgânica**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

3º SEMESTRE

EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA: EMENTA: Evolução histórica da Educação Especial e Inclusiva no Brasil. A base legal da educação especial e inclusiva. A educação inclusiva no contexto socioeconômico e político brasileiro. Abrangência e pressupostos legais da educação inclusiva. Características das pessoas com necessidades especiais. A importância da inclusão e o respeito às diferenças. A dinâmica da inclusão no cotidiano da sala de aula e o papel docente. Função das salas multifuncionais na Educação Básica.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- ALVES, F. *Inclusão: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio*. RJ: Wak, 2005.
- ALVES, D. O.; GOTTI, M. O. Atendimento educacional especializado: concepções, princípios e aspectos organizacionais. *Ensaio Pedagógico*. Brasília: MEC/SEESP, 2006. p.268-272.
- BAPTISTA, C. R.; JESUS, D. M. de. (org) LAPLANE, Adriana Lia Friszman de. et. al. *Avanços em políticas de inclusão: o contexto da educação especial no Brasil e em outros países*. Porto Alegre: Mediação/CDY/FACITEC, 2009.
- BEYER, H. O. *Inclusão e Avaliação na escola de alunos com necessidades educacionais especiais*. Porto Alegre: Mediação, 2010.
- CASTANHO, D. M.; FREITAS, S. N. *Inclusão e prática no ensino superior*. *Revista Educação Especial*, 27:85-92. 2005.
- GOES, M. C. R.; Laplane, A. L. F. *Políticas e Práticas de Educação Inclusiva*. Campinas: Autores Associados, 2007.
- MACHADO, *et al.* *Educação Inclusiva: direitos humanos na escola*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- MICHELS, H. M. *Gestão, formação docente e inclusão: eixos da reforma educacional brasileira que atribuem contornos à organização*. In. *Revista Brasileira de Educação*, Vol. 11, nº. 33. Rio de Janeiro; 2006 p. 406-423.
- PERRENOUD, P. *Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação*. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- SANTOS, M. P. do; PAULINO, M. M. (org). *Inclusão em educação: culturas políticas e práticas*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- CORRER, R. **Deficiência e inclusão social: construindo uma nova comunidade**. São Paulo: EDUSC, 2003.
- DIEHL, R. M. **Jogando com as diferenças**. São Paulo: Phorte, 2006.
- FIERRO, A. **Os alunos com deficiência mental**. In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALÁCIOS, J. (Orgs.). *Desenvolvimento psicológico e educação*. Porto Alegre: ARTMED, 2004. p. 193 - 214.
- GUYTON, A. C.; HALL, J. E. **Tratado de Fisiologia Médica**. 11. ed. São Paulo: Editora Elsevier, 2006.
- OLIVEIRA, A. A. S.; OMOTE, S.; GIROTO, C. R. M. **Inclusão Escolar: as contribuições da educação especial**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008.
- SEB/BRASIL. **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Ministério da Educação. Brasília: MEC, 2001.
- SEB/BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: adaptações curriculares – estratégias para a educação de alunos com necessidades especiais**. Ministério da Educação. Brasília: MEC/SEF/SEESP, 1999.

DIDÁTICA GERAL: EMENTA: Histórico da didática e das tendências pedagógicas que se refletem na realidade do ensino brasileiro, conceitos do ensinar e do aprender. Ensino e tendências pedagógicas. Organização do processo e domínio da gestão do ensino e da aprendizagem e do manejo de sala de aula. Organização do trabalho pedagógico: Plano de Ensino e Plano de Aula. Planejamento como instrumento de criação e manutenção docente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- A. P.; BIANCHETTI, L. (orgs). **Interdisciplinaridade**: para além da filosofia do sujeito. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. pp.25-49
- ANTUNES, C. *As inteligências múltiplas e seus estímulos*. Campinas: Papirus, 2008.
- CANDAU, V. M. (org.) *A didática em questão*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- HAIDT, R. C. Cazaux. *Curso de Didática Geral*. São Paulo: Ática, 2003.
- LEIS, H. R. *Sobre o conceito de interdisciplinaridade*. **Cadernos pesquisa interdisciplinar em ciências humanas**. Florianópolis, 07 jul. 2007. pp. 3 – 22
- LIBANEO, J. C. *Didática: Velhos e novos temas*. Goiânia: Ed. do autor, 2002.
- MASETTO, M. *Didática: a aula como centro*. São Paulo: FTD, 1997.
- MELLO, Guiomar, Namó. *Formação inicial de professores para educação básica: uma (re)visão radical*. **São Paulo Perspec.** vol.14 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2000
- PERRENOUD, P. *Dez novas competências para ensinar*. Porto Alegre: ARTMED, 2000.
- SAVIANI, D. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro**. *Revista Brasileira de Educação* v. 14 n. 40 jan./abr. 2009.
- VALE, Vera do. *Do tecer ao remendar: os fios da competência socio-emocional*. *Exedra* • nº 2 • 2009. **Escola Superior de Educação – Instituto Politécnico de Coimbra**. Disponível em: <http://www.exedrajournal.com/docs/N2/09A-vera-vale_pp_129-146.pdf>
- ZABALA, A.; ARNAU, L. *Como aprender e ensinar competências*. Porto Alegre: ARTMED, 2010.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- GANDIN, D. **Planejamento como prática educativa**. 7. ed. São Paulo: Loyola, 1994.
- HERNÁNDEZ, F. **A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- LIBANEO, J. C. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2004.
- MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 4. ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2005.

INTRODUÇÃO À METODOLOGIA DE ENSINO DE CIÊNCIAS: EMENTA: Concepção atual do ensino das ciências no ensino fundamental. Métodos e técnicas no ensino das ciências. Fornecer subsídios didático-metodológicos para ensino-aprendizagem da área. Organização e funcionamento do ambiente escolar. Conteúdos conceituais, procedimentais e atitudinais no ensino de ciências e

o papel docente. Planejamento de atividades didáticas em ciências. O currículo de Ciências: fundamentos. Análise dos Parâmetros Curriculares Nacionais – Ciências Naturais, das Diretrizes Curriculares, aplicação dos conceitos da Proposta Curricular para o Ensino de Ciências e programas de Saúde no planejamento docente.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- ALVES, R. **Filosofia da Ciência: Introdução ao jogo e suas regras**. São Paulo: Brasiliensis, 2000.
 ABIB, M.L.V.S. **Formação de Professores de Ciências: Treinamento ou Cooperação?** In: MATOS, C. (Org.). **Conhecimento Científico e Vida Cotidiana**. São Paulo: Ed. Terceira Margem, 2003.
 DELIZOICOV, D. **Metodologia do ensino de ciências**. São Paulo: Cortez, 1990.
 DELIZOICOV, D.; ANGOTTI, J.A.; PERAMBUCO, M.M. **Ensino de Ciências: fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2002.
 KRASILCHIK, M. **O professor e o currículo das ciências**. São Paulo, EPU/EDUSP, 1987.
 SÃO PAULO, Secretaria da Educação. Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Ciências. São Paulo: SEE, 2008.
 SÃO PAULO, Secretaria da Educação. Proposta Curricular para o Ensino de Ciências e Programas de Saúde. São Paulo: SE/CENP. 1992.
 Resolução CNE/CP nº 1, de 18 de fevereiro de 2002 – Disponível em: www.portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf.
 TEIXEIRA, P.M.M. **Ensino de ciências: pesquisa e reflexões**. 1ª Ed. São Paulo: Holos, 2006.

HISTOLOGIA: EMENTA: Histórico da Histologia e suas relações. Métodos e técnicas de estudo em Histologia. Reconhecimento dos tecidos animais nos órgãos, assim como suas inter-relações. Estudo dos tecidos humanos: Tecido epitelial de revestimento; Tecido epitelial glandular; Tecido conjuntivo; Tecido adiposo; Tecido cartilaginoso; Tecido ósseo; Tecido muscular; Tecido nervoso; Tecido hematopoiético e células do sangue.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- CORMACK, D. H. **Fundamentos de Histologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
 HIATT, J. L. **Tratado de histologia em cores**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
 JUNQUEIRA, L. C.; CARNEIRO, J. **Histologia básica: texto/atlas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- EYNARD, A. R.; VALENTICH, M. A. ROVASIO, R. **Histologia e Embriologia Humanas: Bases Celulares e Moleculares**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
 GARTNER, L. P.; HIATT, J.L. **Tratado de histologia em cores**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2010.
 KUHNEL, W. **Citologia, histologia e anatomia microscópica – Texto e Atlas**. São Paulo: Artmed, 2005.

ZOOLOGIA DE INVERTEBRADOS: EMENTA: Bases da caracterização morfológica, biologia, fisiologia, ecologia, aspectos taxonômicos e evolutivos dos invertebrados. Classificação animal, regras e nomenclatura zoológica. Morfologia, gênese, fisiologia, sistemática e ecologia dos invertebrados (Rhizopoda, Dinomastigota, Ciliophora, Apicomplexa, Discomitochondria, Cnidaria, Ctenophora, Platyhelminthes, Nemertinea, Nematoda, Nematomorpha, Acanthocephala, Rotifera, Gastrotricha, Mandibulata, Crustácea, Annelida, Molusca, Brachiopoda, Chaetognatha, Hemichordata, Echinodermata).

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- BRUSCA, R. G. J.; BRUSCA, R. C. **Invertebrados**. Rio de Janeiro: Guanabara, 2007.
 HICKMAN JR., C. P.; ROBERTS, L. S.; LARSON, A. **Princípios Integrados de Zoologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
 RUPERT, E. E., BARNES R. D. **Zoologia dos Invertebrados**. São Paulo: Roca Editora, 1996.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- BARNES, R. S. K., CALOW, P., OLIVE, P. J. W. **Os invertebrados. Uma nova síntese**. São Paulo: Atheneu Editora, 1995.
 MARGULIS, L.; SCHWARTZ, K. **Cinco Reinos: um guia ilustrado dos filós da vida na Terra**. Rio de Janeiro: Editora Koogan, 2001.
 STORER, T. I; USINGER, R. L. **Zoologia Geral**. São Paulo: Ed. Nacional / EDUSP, 1984.

4º SEMESTRE

INTRODUÇÃO À LÍNGUAGEM BRASILEIRA DE SINAIS: EMENTA: A educação inclusiva no contexto socioeconômico e político brasileiro. Abrangência e pressupostos legais da educação inclusiva, identidade. A inclusão dos surdos nos aspectos: biológicos, pedagógicos e psicossociais e suas implicações. Fundamentos históricos, socioculturais, definições referentes à Língua de Sinais e conceitos sobre língua e linguagem. Legislação. Processo de aquisição da Língua de Sinais observando as diferenças e similaridades existentes entre esta e a Língua Portuguesa. Os aspectos linguísticos na Língua Brasileira de Sinais. Noções básicas de Libras. Orientações didáticas e pedagógicas sobre o ensino de Libras.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

- CANDAUI, V. M. F. Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença. Revista Brasileira de Educação, v. 13, p. 45-56, 2008.
 CAPOVILLA, FC; RAPHAEL, W. D. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira. 3. Ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008. (Volumes I, II e III).
 FELIPE, T. A.; MONTEIRO, M. Salerno. Libras em contexto: (livro do professor). 7. ed. Rio de Janeiro: WallPrint, 2008.
 GLAT, R.; PLETSCHE, M. D. Inclusão escolar de alunos com necessidades especiais. 2. ed. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.
 GOES, M. C. R.; Laplane, A. L. F. Políticas e Práticas de Educação Inclusiva. Campinas: Autores Associados, 2007.

HONORA, M.; FRIZANCO, M. L. E. Livro ilustrado de Língua de Sinais: desvendando a comunicação usada por pessoas com surdez. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

LILO-MARTIN, D. Estudos de aquisição de línguas de sinais: passado, presente e futuro. In: QUADROS, R. M.; VASCONCELLOS, M. L. B. (Org.). Questões teóricas das pesquisas em línguas de sinais. Petrópolis: ED. Arara Azul, 2008, p. 199-218.

QUADROS, R. M. de; KARNOPP, L. B. Língua de Sinais Brasileira: Estudos Linguísticos. Porto Alegre: ARTMED, 2004. v.1.

SKLIAR, Carlos. A surdez: um olhar sobre as diferenças. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

FERREIRA, L. **Por uma gramática de Língua dos Sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

_____. **Integração Social e Educação de Surdos**. Rio de Janeiro: Babel, 1993.

KARNOPP e QUADROS. **Língua de Sinais Brasileira**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

QUADROS, R. Müller de. **O Tradutor e Interprete de Língua Brasileira de Sinais**. Brasília: MEC, 2004.

COLL, C.; MARCHESI, A; PALACIOS, J. (Org.). **Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004, v. 3.

AValiação DE ENSINO E RECUPERAÇÃO DE APRENDIZAGEM- EMENTA: As relações pedagógicas no espaço escolar e o processo de ensino na escola. Fracasso, sucesso, permanência, longevidade e evasão escolar. Conhecimento sobre a construção e elaboração de procedimentos e instrumentos de avaliação. Mecanismos escolares: de recuperação e progressão continuada. Os significados da avaliação no ensinar e no aprender: avaliação formativa, formal, informal e continuada.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ARCAS, P. **Avaliação da aprendizagem no regime de progressão continuada: o que dizem os alunos**. São Paulo: 2003.

BEYER, Hugo Otto. **Inclusão e avaliação na escola: de alunos com necessidades educacionais especiais**. Porto Alegre: Mediação, 2005, 128p.

CUNHA, M. I. (org.). **Formatos avaliativos e concepção da docência**. São Paulo: Autores Associados, 2005.

FREIRE, Madalena (coord.) **Avaliação e Planejamento, a prática educativa em questão, 2009**.

HOFFMAN, J. M. L. **Avaliação para promover: as setas do caminho**. Porto Alegre: Mediação, 2001.

LUCKESI, C.C. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2010.

PERRENOUD, P. **Avaliação - da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas**. Porto Alegre: ARTMED, 2000.

_____. **Pedagogia Diferenciada: das intenções à ação**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

RABELO, E H. **Avaliação. Novos Tempos, Novas Práticas**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1998.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Avaliação da Aprendizagem: Práticas de Mudança - por uma práxis transformadora**. São Paulo: Libertad, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ALARCÃO, I. **Professores Reflexivos em uma escola reflexiva**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

CENPEC. **O diagnóstico educacional: uma direção para a ação educativa**. Suplemento Melhoria da educação no município, v. 2. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2003.

WERLE, F. O. Corrêa (org.). **Avaliação em larga escala: foco na escola**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livros, 2010.

PRÁTICA DE ENSINO EM CIÊNCIAS : EMENTA: O conceito de prática de ensino de ciências nos cursos de Licenciatura. Modalidades das atividades didáticas no ensino de ciências – desenvolvimento e aplicação de seminários e práticas educativas para condução das aulas de ciências. Organização da sala de aula na construção do trabalho coletivo. Espaços de educação não formal em Ciências: identificação e caracterização. Implantação do currículo na prática docente. Aplicação do PCN e DCN na construção das estratégias de ensino-aprendizagem em diferentes ambientes.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CAMPOS, M. C. C. **Didática de ciências: O ensino-aprendizagem como investigação**. São Paulo: FTD, 1999.

NARDI, R. **Questões atuais no ensino de ciências**. 1ª Ed. Coleção Educação para a Ciência. São Paulo: Escrituras, 1998.

WISSMANN, H. **Didática das Ciências Naturais: contribuições e reflexões**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZABALA, A. **A prática educativa, como ensina**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CAMPOS, M. C. C. **Didática de ciências: O ensino-aprendizagem como investigação**. São Paulo: FTD, 1999.

MEC/SEF **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ciências Naturais**. Brasília, MEC/SEF, 1998.

SÃO PAULO, Secretaria da Educação. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo: Ciências**. São Paulo: SEE, 2008.

SÃO PAULO, Secretaria da Educação. **Proposta Curricular para o Ensino de Ciências e Programas de Saúde**. São Paulo: SE/CENP. 1992. www.educacao.sp.gov.br/

FISIOLOGIA ANIMAL COMPARADA: EMENTA: Introdução à Fisiologia. Estudos comparativos dos sistemas dos organismos: humano e animais vertebrados. Respiração. Pigmentos respiratórios. Metabolismo energético. Circulação. Digestão, absorção e tomada de alimento. Osmorregulação e excreção. Filogênese comparativa do sistema nervoso. Sistema sensorial e motor dos vertebrados. Endocrinologia comparada.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

GUYTON, A. C.; HALL, J. E. **Fisiologia Humana e Mecanismos das Doenças**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.
 SCHMIDT-NIELSEN, K. **Fisiologia Animal e Comparada**. 5ª ed. São Paulo: Livraria Santos Editora, 2002.
 MOYES, C.D. & SCHULTE, P.M. **Princípios de Fisiologia Animal**. 2ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
 TORTORA, G. J.; GRABOWSKI, S. R. **Corpo Humano: Fundamentos de Anatomia e Fisiologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CHRISTOPHER, D. M.; SCHULTE, P. M. **Princípios da Fisiologia Animal**. Porto Alegre: Artmed, 2010.
 GUYTON, A. C.; HALL, J. E. **Tratado de fisiologia médica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002, 2011.
 GUYTON, A. C. **Fisiologia humana**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

BIOESTATÍSTICA: EMENTA: Introdução à estatística aplicada à biologia. Noções de amostragem. Apresentação tabular e gráfica de dados. Medidas de tendência central para uma amostra. Medidas de dispersão ou variabilidade para uma amostra. Correlação. Regressão linear simples. Noções de probabilidade. Distribuição normal. Utilização de estatística nas Ciências Biológicas.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ARANGO, H. G. **Bioestatística: Teórica e computacional**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2001.
 BERQUÓ, E.S ; SOUZA, J. M. P. ; GOTLIEB, S. L. D. **Bioestatística**. São Paulo: EPV, 2003.
 NAZARETH, H. **Curso básico de estatística**. São Paulo: Ática, 2003

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CALLEGARI-JACQUES, S. M. **Bioestatística: Princípios e Aplicações**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
 BUSSAB, W. O.; MORETTIN, P. A. **Estatística Básica**. São Paulo: Saraiva, 2003.
 PEREIRA, J. C. R. **Bioestatística em outras palavras**. São Paulo: EDUSP, 2010

FÍSICA E BIOFÍSICA APLICADA À BIOLOGIA: EMENTA: Tópicos de física aplicada à Biologia. Termodinâmica, Influências do Meio nas Mudanças de Estado, Hidrostática e Eletrodinâmica. Gênese dos potenciais Elétricos. Potenciais de repouso e Ação. Biofísica da visão e da audição. Radiações. Bioeletricidade: Mecanismos Biofísicos de Contração muscular.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

HALLIDAY, D.; RESNICK, R.; WALKER, J. **Fundamentos da Física**. (vol 1, 2, 3, 4) . Rio de Janeiro: LTC, 2006
 HENEINE, I. F. **Biofísica Básica**. São Paulo: Atheneu, 2006.
 RESNICK, R. **Física**. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

HEWITT, PAUL G. **Física Conceitual**. São Paulo: Bookman Companhia ED, 2002
 TIPLER P. **Física**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1999.

5º SEMESTRE

AVALIAÇÃO: INSTRUMENTOS E INDICADORES: EMENTA: Conceitos de avaliação de políticas e programas na educação. As dimensões da avaliação. Avaliação de desempenho: novos paradigmas; Histórico da avaliação e indicadores dos organismos nacionais e internacionais. Implementação de políticas públicas, métodos, modelos e técnicas usuais na pesquisa avaliativa, indicadores - conceitos básicos. Avaliação de desempenho e indicadores (PISA, IDEB, IDESP, SAEB, SARESP, ENEM). Análise, interpretação dos indicadores e informações contidas nas avaliações externas e desempenho escolar.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BITTAR, H. A. de F. et al. **O sistema de Avaliação de rendimento Escolar do Estado de São Paulo: implantação e continuidade**. Ideias, São Paulo: FDE, n. 30, 1998.
 BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Prova Brasil 2013 – **Avaliação do rendimento escolar: questionário do professor**. Acesso em: 6 mai. 2015
 BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Sistema de avaliação da educação básica SAEB 2013: Questionário do aluno**. Acesso em: 6 mai. 2015.
 DIAS SOBRINHO, J.; BALZAN, N. C. (Org). **Avaliação institucional: teoria e experiências**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2005.
 ENADE: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/enade>
 ENEM: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/enem>
 IDEB: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/ideb>
 IDESP: http://idesp.edunet.sp.gov.br/o_que_e.asp
 PROVINHA BRASIL: <http://portal.inep.gov.br/web/guest/provinha-brasil>

Resolução SE nº 27, de 29 de março de 1996. Dispõe sobre o Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo
Resolução SE nº 41, de 31-07-2014. Dispõe sobre a realização das provas de avaliação relativas ao Sistema de Avaliação de Rendimento Escolar do Estado de São Paulo – SARESP/2014.
Resolução SE - 74, de 6-11-2008. Institui o Programa de Qualidade da Escola – PQE - Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo – IDESP.

SAEB: <http://portal.inep.gov.br/educacao-basica/saeb>

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

Inep-MEC (coordenadores). **Indicadores da qualidade na educação /** Ação Educativa, Unicef, PNUD. – São Paulo: Ação Educativa, 2004. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Consescol/ce_indqua.pdf.
 FREITAS G., MARCELO. **Avaliação Institucional... Para que serve, mesmo?** Revista de Gestão Educacional. Ed.57, ano V, fevereiro de 2010.
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2008. **Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB).** Disponível em: <<http://ideb.inep.gov.br/Site/>>
 MEC - **Portaria nº 931, de 21 de Março de 2005** - Institui o Sistema de Avaliação da Educação Básica, composto pela Prova Brasil (Anresc) e pelo Saeb (Aneb).
 PRADO, C. et al. **Avaliação do Rendimento Escolar.** São Paulo: Papyrus, 1996.

PRÁTICA DE ENSINO DE BIOLOGIA: EMENTA: As estratégias de trabalho do Professor de Biologia em aulas de laboratório. Projetos interdisciplinares e uso de novas tecnologias: o que ensinar e como ensinar. A pesquisa investigativa na construção das aulas de biologia. Apresentação de aulas de Biologia para a 1ª e 2ª série do Ensino Médio. Aplicação do PCN-EM na construção das estratégias de ensino-aprendizagem em diferentes ambientes.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

BIZZO, N.M.V. TRIVELATO, S.L.F.; KRASILCHIK, M. (Org.). **Atividades para a prática de ensino de biologia.** São Paulo: FEUSP, 1991.
 PACHECO, D. A **Experimentação no Ensino de Ciências.** Ciência & Ensino. Campinas, Vol. 2, 2000.
 PEDRANCINI, V. D.; CORAZZA-NUNES, M. J.; GALUCH, M. T. B.; MOREIRA, A. L. O. R.; RIBEIRO, A. C. **Ensino e aprendizagem de Biologia no ensino médio e a apropriação do saber científico e biotecnológico.** Revista Eletrônica de Enseñanza de Iás. Ciências. Vol. 6, n. 2, p. 299-309, 2007. <http://www.saum.uvigo.es/reec>.
 SACRISTÁN, J.G. O currículo e a reflexão sobre a prática. **Porto Alegre: Artmed, 2000.**

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CANIATO, R. Com ciência na educação. **Campinas, Papyrus, 2003.**
 ROMEIRO, Alice e outros. **Um olhar sobre a escola.** Ministério da Educação, Secretaria de Educação à Distância. Brasília, 2000.
 SEE – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o Ensino de Biologia.** São Paulo, SE/CENP, 2009.
 VEIGA, I. P. A. **Técnicas de ensino: por que não?** Campinas: Papyrus, 1991.

POLÍTICAS PÚBLICAS E LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL: EMENTA: Reflexão sobre a organização da escola frente às necessidades atuais da sociedade brasileira. A normatização da educação no Brasil contemporâneo. Estudo da relação entre Educação, Estado e Sociedade a partir da abertura política e da Constituição Federativa do Brasil de 1988. Conhecimento dos princípios e objetivos educacionais determinados pela Constituição Brasileira de 1988. Análise da LDBEN n. 9.394/1996, suas atualizações e do Plano Nacional de Educação - PNE. Organização do ensino brasileiro de acordo com a legislação em vigor. Análise dos princípios do Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA. Compreensão das regulamentações emanadas pelo Conselho Nacional de Educação - CNE e Conselhos Estaduais de Educação - CEE.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABREU, M. **Organização da Educação Nacional na Constituição e na LDB.** Ijuí: RGS, 1998.
 ALVES, Nilda; VILLARDI, Raquel (orgs). **Múltiplas leituras da nova LDB.** Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya, 1997.
 BIANCHETTI, R. G. **Modelo neoliberal e políticas educacionais.** São Paulo: Cortez, 1996.
 CECCON, C. (org.) **Construindo o Futuro: Ação e Articulação pelo Estatuto da Criança e do Adolescente.** Porto Alegre: ARTMED, 2000.
 HADDAD, F. O. **Plano de desenvolvimento da educação: razões, princípios e programas.** Brasília: MEC/INEP, 2008.
 LIBÂNEO, J.C.; OLIVEIRA, J.F. E TOSCHI, M.S. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
 MENESES, J.G. (org.) **Estrutura e Funcionamento da Educação Básica: leitura.** 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1998.
Resolução CNE/CP nº. 1, de 18 de Fevereiro de 2002 – Disponível em: www.portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_02.pdf.
 SAVIANI, D. **A nova Lei da Educação – LDB – trajetórias, limites e perspectivas.** São Paulo: Autores Associados, 1999.

_____. **O Plano de Desenvolvimento da Educação: análise do projeto de MEC.** Educação & Sociedade. v. XXVIII, nº100, out./2007. p. 1231-1255.

_____. **Sistema Nacional de Educação: desafio para uma educação igualitária e federativa.** Educação & Sociedade. v.XXIX, nº 105, set./dez. 2008. p.1187-1209.

SAVIANI, D. **Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro,** 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais + (PCN) - Ciências da Natureza e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2002.
- _____. Lei nº. 9394/96 – **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**.
- _____. Lei nº. 10.172/01 – **Plano Nacional de Educação**. Disponível em: www.planalto.gov.br.
- _____. Lei nº 8069/90 - **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: www.planalto.gov.br.
- OLIVEIRA, João Ferreira de. **A educação básica e o PNE/2011-2020**. Revista Retratos da Escola. Brasília, v. 4, n.6, p.123-141, jan./jun. 2010
- Resolução CNE/CP – 1 de 15/05/2006. Disponível em: www.portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf.
- RIZZINI, I. **A Criança e a Lei no Brasil**. Brasília: Unicef, 2000.
- SAVIANI, D. **Da nova LDB ao FUNDEB: por uma outra política educacional**. Campinas: Autores Associados, 2007.

ZOOLOGIA DE VERTEBRADOS : EMENTA: Durante o curso serão enfocadas as características, morfologia interna, morfologia externa, morfogênese, fisiologia, sistemática e ecologia dos vertebrados: Urochordatas, Cephalocordatas, Agnathas, Ciclostomos, Chondrichthyes, Osteichthyes, Elasmobranchiomorphi, Choanochthyes, Anfíbios, Répteis, Aves e Mamíferos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- HICKMAN JR., C. P.; ROBERTS, L. S.; LARSON, A. Princípios Integrados de Zoologia. **Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.**
- MARGULIS, L.; SCHWARTZ, K. **Cinco Reinos: um guia ilustrado dos filós da vida na Terra**. Rio de Janeiro: Koogan, 2001.
- STORER, T. I.; USINGER, R. L. **Zoologia Geral**. Ed. Nacional/EDUSP, São Paulo, 1984.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- HILDEBRAND, M. **Análise da Estrutura dos Vertebrados**. São Paulo: Atheneu, 2006.
- ORR, R. T. **Biologia dos Vertebrados**. São Paulo: Roca, 1986.
- POUGH, F. H.; HEISER, J. B.; MCFARLAND, W. N. 1999. **A Vida dos Vertebrados**. São Paulo: Atheneu, 1999, 2008.

GENÉTICA GERAL E HUMANA: EMENTA: Introdução ao estudo da Genética e da variabilidade. Natureza química e aspectos moleculares do material genético. Interação entre genótipo e ambiente. Cromossomos e cariótipos humanos. Aberrações cromossômicas. Bases mendelianas da hereditariedade. Primeira Lei e Segunda Lei de Mendel. Tipos de dominância. Heredogramas ou genealogias. Alelos múltiplos. Mutações cromossômicas. Herança de genes dos cromossomos sexuais. Padrões de herança. Interações não-alélicas (epistasia). Regulação gênica em procariotos e eucariotos. Herança extranuclear. Dermatoglyphos. Bases do Aconselhamento genético e diagnóstico pré-natal.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- BORGES-OSORIO, M. R. ROBINSON W. M. **Genética Humana**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- GRIFFITHS, A.J.F.; GELBART, W.M.; MILLER, J.H.; LEWONTIN, R. C. **Genética Moderna**, 1 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.
- GRIFFITHS, A.J.F.; GELBART, W.M.; MILLER, J.H.; LEWONTIN, R. C. **Introdução à Genética**. 5 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- KLUG, W. S.; CUMINGS, M. R.; SPENCER, C. A.; PALADINO, M. A. **Conceitos de Genética**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- [MCINNES, R. R.](http://www.mcinnnes.com.br) NUSSBAUM, R. L. Thompson e Thompson: **Genética Médica**. São Paulo: Elsevier, 2008.
- VOGEL, F.; MOTULSKY, A. G. **Genética humana: problemas e abordagens**. Tradução por Paulo Armando Motta. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

MORFOLOGIA VEGETAL : EMENTA: Célula vegetal. Morfoanatomia de tecidos vegetais primários e secundários. Estruturas secretoras. Morfologia de órgãos vegetativos e reprodutivos das plantas: raiz, caule, folha, flor, fruto e sementes.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

- FERRI, M. G. **Botânica: Morfologia externa das plantas**. São Paulo: Nobel, 1983.
- FERRI, M. G. **Botânica: Morfologia interna das plantas**. São Paulo: Nobel, 1999.
- RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; EICHHORN, S. E. **Biologia Vegetal**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

- BRESINSKY, A.; KORNER, C.; KADEREIT, J. W.; NEUHAUS, G.; SONNENWALD, U. **Tratado de Botânica de Strasburger**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- CUTTER, E. G. **Anatomia vegetal**. Parte I e II. São Paulo: Roca, 2002.
- GONÇALVES, E. G.; LORENZI, H. **Morfologia vegetal - organografia e dicionário ilustrado de morfologia das plantas vasculares**. Nova Odessa: Plantarum, 2011.
- <http://acta.botanica.org.br>.

6º SEMESTRE

METODOLOGIA DO ENSINO E APRENDIZAGEM EM BIOLOGIA : EMENTA: Organização e funcionamento do Ensino Médio. Orientações na preparação e desenvolvimento de aulas de Biologia. Ambientes de aprendizagem formal e não-formal no Ensino Médio; espaços alternativos na construção das metodologias educativas; Planejamento de atividades didáticas em Biologia: planejamento e elaboração de experimentos e de outros materiais didáticos. O currículo de Ciências: fundamentos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

CANIATO, R. Com ciência na educação. **Campinas, Papirus, 2003.**

MARANDINO, M. et al. (org). Ensino de Biologia: conhecimentos e valores em disputa. **Niterói: Eduff, 2005.**

MOURA, E. Biologia educacional: **noções de Biologia aplicadas à Educação. São Paulo: Moderna, 1993.**

NARDI, Roberto. Questões Atuais no Ensino de Ciências. São Paulo: Escrituras, 1998. **NARDI, Roberto, BASTOS, Fernando e DINIZ, Renato Eugênio da S. (orgs.)** Pesquisas em ensino de Ciências: contribuições para a formação de professores. São Paulo: Escrituras, 2004.

SEE – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o Ensino de Biologia. São Paulo, SE/CENP, 2009.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio (PCNEM). 2002. Disponível em: <http://www.mec.gov.br>.

ROMEIRO, A. et al. Um olhar sobre a escola. Ministério da Educação, Secretaria de Educação à Distância. Brasília, 2000.

VEIGA, I. P. A. Técnicas de ensino: por que não? Campinas: Papirus, 1991.

DIRETRIZES CURRICULARES: FUNDAMENTOS E PRÁTICAS: EMENTA: Concepções de currículo e sua evolução; conhecimento e análise das Diretrizes Curriculares e currículos nacionais e estaduais. As tendências e questões atuais do currículo em diferentes níveis e contextos e perspectivas no campo do currículo. As etapas e modalidades, contemplando o conceito de Educação Básica, princípios de organicidade, sequencialidade e articulação, relação entre as etapas e modalidades: articulação, integração e transição. Problemas e divergências no campo do currículo.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

FERNANDES, C. de Oliveira; FREITAS, L. C. de. Indagações sobre currículo: currículo e avaliação. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 1998.

HERNADEZ, F.; VENTURA, M. A organização do currículo por projeto de trabalho. Porto Alegre: ARTMED. 2007.

MOREIRA, A. F. B. Currículos e programas no Brasil. Campinas: Papirus, 2004.

PEDRA, J. A. Currículo, Conhecimento e suas Representações. 3. ed. Campinas: Papirus, 1999.

SAVIANI, N. Saber Escolar, Currículo e Didática: problemas da unidade conteúdo/método no processo pedagógico. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 2000.

SILVA, T. T. & MOREIRA, F. (Org.) Currículo, Cultura e Sociedade. São Paulo: Cortez, 1994.

SANTOS. L.L.C.P. O currículo como campo de luta. Presença Pedagógica, 2 (7), p. 32-39, jan./fev. 1996.

CNE. Resolução nº 2, de 02 de abril de 1998: Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.

SEE – Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Proposta Curricular do Estado de São Paulo para o Ensino: Língua Portuguesa.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

ESTEBAN, M. T. Escola, Currículo e Avaliação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

HERNÁNDEZ, Fernando. A organização do currículo por projetos de trabalho: o conhecimento é um caleidoscópio. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

LIMA, E. S. Indagações sobre currículo: currículo e desenvolvimento humano. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2007.

BOTÂNICA E ECOLOGIA VEGETAL : EMENTA: Histórico e Sistemática Vegetal. Regras de nomenclatura. Grandes grupos vegetais: Classificação, características gerais, identificação, origem e evolução, morfologia, ciclo de vida e reprodução, importância econômica e ecológica de cada um dos grupos vegetais. Ecologia de populações e sucessão ecológica. Interação planta x planta. Interação planta x animal. Comunidades vegetais: estrutura, dinâmica e classificação. Fitogeografia Geral e do Brasil. Técnicas de Herborização.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

JOLLY, A. B. Botânica: Introdução à taxonomia vegetal. São Paulo: Nacional EDUSP, 1966.

RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; EICHHORN, S. E. Biologia Vegetal. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2001.

RICKLEFS, R. E. A economia da natureza. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRESINSKY, A.; KORNER, C.; KADEREIT, J. W.; NEUHAUS, G.; SONNENWALD, U. Tratado de Botânica de Strasburger. Porto Alegre: Artmed, 2011.

FOX, G. A.; GUREVITCH, J.; SCHEINER, S. M Ecologia Vegetal. Porto Alegre: Artmed, 2009.

NABORS, M. W. Introdução a Botânica. São Paulo: Roca, 2012.

ECOLOGIA GERAL: EMENTA: Histórico e conceito de Ecologia. Componentes estruturais e funcionais dos ecossistemas. Níveis de organização e integração biológica. Fatores ecológicos ou limitantes. Ciclos biogeoquímicos. Fluxo de energia nos sistemas ecológicos. Ecologia de populações. Desenvolvimento no ecossistema. Ação da sociedade nos ecossistemas: impactos ambientais.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ODUM, E. P. **Ecologia**. Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1988.
 PINTO-COELHO, R. M. **Fundamentos em ecologia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.
 RICKLEFS, R. E. **A economia da natureza**. Rio de Janeiro. Editora Guanabara, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRANCO, S. M. **Ecologia da Cidade**. São Paulo: Moderna, 2003.
 FRONTIER, S. **Os ecossistemas**. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
 ODUM, E. P. **Fundamentos de ecologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004, 2007.

7º SEMESTRE

GESTÃO, PLANEJAMENTO E PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO: EMENTA: Referências legais para a Gestão Democrática da Escola; gestão pedagógica da escola: princípios e desafios; Gestão democrática e o movimento de construção e planejamento do Projeto Político-Pedagógico. Identificação dos princípios da gestão democrática e os diferentes mecanismos e processos de participação social na gestão da unidade escolar enfatizando o papel do pedagogo enquanto professor/gestor e professor/coordenador.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

ABRANCHES, Mônica. **Colegiado Escolar**: espaço de participação da comunidade. São Paulo: Cortez, 2003.
 BARREIRA, M. C. R. N.; CARVALHO, M. do C. B. **Tendências e perspectivas na avaliação de políticas e programas sociais**. São Paulo: IEE/PUC-SP, p. 101-126; 2001.
 BRASIL. **Programa Nacional de Fortalecimento dos Conselhos Escolares: conselhos escolares** : uma estratégia de gestão democrática da educação pública. Brasília: MEC, SEB, 2004.
 CENPEC. **Diagnóstico e plano de ação educativa: uma proposta de trabalho coletivo**. Suplemento Melhoria da Educação no Município. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2003.
 COTRIM, G. **Educação para uma Escola Democrática**. São Paulo: Saraiva, 1991.
 DAGNINO, Evelina. **Sociedade Civil, Participação e Cidadania: de que estamos falando?** In: MATO, Daniel (Coord). Políticas de Ciudadania y Sociedad Civil en Tiempos de Globalización. Caracas: Faces, Universidad Central de Venezuela, 2004.
 FERREIRA, N.S.C. (org.) **Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios**. São Paulo: Cortez, 2001.
 GADOTTI, M. **Pressupostos do projeto político-pedagógico**. In: O projeto político-pedagógico da escola. Brasília, MEC/SEF, 1994, p. 21-38.
 OLIVEIRA, D. A. (org.) **Gestão Democrática da educação – desafios contemporâneos**. Petrópolis: Vozes, 2001.
 PADILHA, P. R. **Planejamento dialógico: como construir o Projeto Político-pedagógico da escola**. São Paulo: Cortez, 2001.
 PARO, V. H. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Ática, 2003.
 _____. **Gestão escolar, democracia e qualidade do ensino**. 1. ed. São Paulo: Ática, 2007.
 PATEMAN, Carol e. **Participação e Teoria Democrática**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
 TATAGIBA, Luciana. **Os Conselhos Gestores e a Democratização das Políticas Públicas no Brasil**. In: DAGNINO, E.; OLVERA, J.; PANFICHI, Aldo (Orgs). A Disputa pela construção Democrática na América Latina. São Paulo: Paz e Terra, Campinas/São Paulo: Unicamp, 2006
 VASCONCELLOS, C. dos S. **Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico**. 14. ed. São Paulo: Libertad, 2009.
 _____. **Planejamento: Plano de Ensino-Aprendizagem e projeto educativo**. São Paulo: Libertad, 1995.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

VIEIRA, T. et al. **Gestão Educacional e Tecnologia**. São Paulo: Avercamp, 2003.
 BRASIL/MEC. Lei 10172 de 9 de Janeiro de 2001. **Plano Nacional de Educação**. Brasília, 2001. <http://portal.mec.gov.br>.
 BRASIL. Resolução nº 2, de 02 de abril de 1998: Institui as **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**.
 CENPEC. **O diagnóstico educacional: uma direção para a ação educativa**. Suplemento Melhoria da educação no município, v. 2. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2003.

PARASITOLOGIA : EMENTA: Introdução à Parasitologia. Relação Parasita-Hospedeiro. Noções de Epidemiologia Geral. Sistemática e Nomenclatura em Parasitologia. Protozoologia. Helminologia (aspectos biológicos, celulares e moleculares, epidemiologia, patologia, profilaxia, e diagnóstico). Artrópodes e Hematófagos. Parasitologia e Imunodeficiência.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

FERREIRA, M. U.; FORONDA, A. S.; SCHUMAKER, T. T. S. **Fundamentos Biológicos da Parasitologia Humana**. Barueri: Manole, 2003.
 LUZ NETO, L. S.; VOLPI, R.; REIS, P. A. **Microbiologia e Parasitologia**. Goiânia: AB, 2003.
 NEVES, D. P.; MELO, A. L.; LINARDI, P. M.; VITOR, R. W. A. **Parasitologia Humana**. São Paulo: Atheneu, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

CIMERMAN, B.; CIMERMAN, S. **Parasitologia humana e seus fundamentos gerais**. São Paulo: Atheneu, 2002.
 MARKELL, E. K.; JOHN, D. T.; KROTOSKI, W. A. **Parasitologia Médica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
 REY, L. **Bases da parasitologia médica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1993, 2009.

BIOTECNOLOGIA E BIOÉTICA: EMENTA: Histórico das inter-relações entre a ética, a moral e o direito. Reflexões sobre dilemas bioéticos. O contexto da ética e bioética nas práticas da biotecnologia. Estudo de tecnologias que atuam diretamente sobre o homem e o meio ambiente. Genética de populações e aconselhamento. Farmacogenética e engenharia genética. Manipulação gênica: princípios e aplicações da tecnologia do DNA recombinante. Organismos geneticamente modificados (OGMs). Clonagem. Células-tronco. Biotecnologia aplicada à saúde, aos vegetais e aos microorganismos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

MOSER, A. **Biotecnologia e Bioética - Para Onde Vamos?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

CASABONA, C. M. R. **Biotecnologia, Direito e Bioética.** Ed: Del Rey, 2002.

GRIFFITHS, A.J.F.; GELBART, W.M.; MILLER, J.H.; LEWONTIN, R. C. **Genética Moderna**, I ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

GRIFFITHS, A.J.F.; GELBART, W.M.; MILLER, J.H.; LEWONTIN, R. C. **Introdução à Genética.** 5ª. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998.

PREMEBIDA A. **Biotechnologias.** PACO editorial, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRUNO, N. A. **Biotecnologia I - Princípios e Métodos.** Porto Alegre: Artmed, 2014.

CASABONA, C. M. R. **Genética, Biotecnologia e Ciências Penais.** Juspodivum, 2012.

KREUZER, H.; MASSEY, A. **Engenharia Genética e Biotecnologia.** Porto Alegre: Artmed, 2002.

VOGEL, F.; MOTULSKY, A. G. **Genética humana: problemas e abordagens.** Tradução por Paulo Armando Motta. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2000.

METODOLOGIA DE PESQUISA CIENTÍFICA: EMENTA: A pesquisa como forma da investigação para a construção da prática: o projeto de pesquisa; consultas a bibliotecas e centros de documentação para leitura, análise e interpretação de textos; redação de relatórios e sua apresentação. Leis da produção científica e método científico. Conceituação de métodos, técnicas e pesquisa. Técnicas de documentação. O trabalho monográfico e o artigo científico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

GIL, A. C. **Como elaborar um projeto de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2009.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. **Técnicas de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2008.

SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** São Paulo: Cortez, 2008.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Normalização da Documentação no Brasil.** Rio de Janeiro, 2000, 2011.

MEDEIROS, J. B. **Redação científica: a prática, fichamentos, resumos, resenhas.** São Paulo: Atlas, 2008.

SALOMON, D.V. **Como fazer monografia.** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

8º SEMESTRE

FISIOLOGIA VEGETAL :EMENTA: Relações hídricas: Importância fisiológica da água para os diferentes grupos vegetais, movimentos de água na planta, fisiologia dos estômatos. Substâncias translocadas no floema, características morfofisiológicas da fonte e dreno. Fotossíntese. Respiração. Solos e metabolismo vegetal. Sintomas de deficiência nutricional e metabolismo do Nitrogênio – fixação biológica Crescimento e desenvolvimento de plantas. Hormônios vegetais básicos: Auxinas, Giberelinas, Citocininas, Etileno e Ácido abscísico.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

FERRI, M. G. **Fisiologia Vegetal.** São Paulo: Nobel, 1985.

FERRI, M. G. **Botânica: Morfologia interna das plantas.** São Paulo: Nobel, 1999.

RAVEN, P. H.; EVERT, R. F.; EICHHORN, S. E. **Biologia Vegetal.** Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2001.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRESINSKY, A.; KORNER, C.; KADEREIT, J. W.; NEUHAUS, G.; SONNENWALD, U. **Tratado de Botânica de Strasburger.** Porto Alegre: Artmed, 2011.

CUTTER, E. G. **Anatomia vegetal.** Parte I e II. São Paulo: Roca, 2002.

[KERBAUY, G. B.](#) **Fisiologia Vegetal.** São Paulo: Guanabara Koogan, 2008.

EDUCAÇÃO AMBIENTAL: EMENTA: As relações entre a sociedade e a natureza. Viabilidade populacional. Conceitos de biodiversidade. Educação Ambiental e ação transformadora. Análise e discussão dos problemas ambientais e superação por meio da sustentabilidade e da educação ambiental – Agenda 21; Protocolo de Kyoto. Caracterização de impacto ambiental; preservação, conservação e recuperação de sistemas aquáticos e terrestres. Recomposição vegetal em áreas degradadas; APP, Mata Ciliar e Reserva Legal. Projetos ambientais na sociedade e na escola.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

DIAS, G.F. **Educação Ambiental: Princípios e práticas.** São Paulo: Gaia. 2004.

CARVALHO, I. C. de M. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico.** São Paulo: Cortez, 2004.

PHILIPPI JR, A, PELICIONI, M.C.F. **Educação Ambiental e Sustentabilidade.** São Paulo: Manole. 2004

LOUREIRO, C. F. B. et al **Educação Ambiental e gestão participativa em unidades de conservação**. 3º ed. (revisada e atualizada). Rio de Janeiro: IBAMA, 2008. (disponível em www.ibama.gov.br/rj)

RICKLEFS, R. E. **A economia da natureza**. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 2003.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

BRANCO, S. M. **Ecologia da Cidade**. São Paulo: Moderna, 2003. <http://www.biotaneotropica.org.br/>.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria do Desenvolvimento Sustentável. **Construindo agenda 21 local** 2. ed. Brasília: SDS, 2003.

[DIAS, G. F. Atividades interdisciplinares de educação ambiental: manual do professor](#). São Paulo: GLOBAL/GAIA, 1994. 112 p. MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Identidades da Educação Ambiental brasileira. Brasília: MMA, 2004.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE / MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Programa Nacional de Educação Ambiental – ProNEA. Brasília: MMA/ME, 2004.

NOAL, F. O. e; BARCELOS, Valdo H. de L. (org.) Educação Ambiental e Cidadania: cenários brasileiros. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.

ODUM, E. P. **Ecologia**. Editora Guanabara, Rio de Janeiro, 1988.

ODUM, E. P. **Fundamentos de ecologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007.

PINTO-COELHO, R. M. **Fundamentos em ecologia**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2002.

IMUNOLOGIA: EMENTA: Introdução à Imunologia. Células, Tecidos e Órgãos do sistema imunológico. Anticorpos. Antígeno. Resposta Imune Humoral e Celular. Resposta Imune inespecífica: reação inflamatória e sistema complemento. Imunidade às Infecções: bacterianas, virais, fúngicas e parasitárias. Reações de hipersensibilidade. Imunodeficiências.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

ROITT, I. **Imunologia básica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

MALAGUTTI, W. (org.) **Imunização, Imunologia e Vacinas**. Ed: RUBIO, 2011.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

IVAN, R.; ARTHUR, R. **Imunologia básica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.

WOOD, P. **Imunologia** - 3ª Ed. Pearson Education- BR, 2013.

MICROBIOLOGIA: EMENTA: Introdução à Microbiologia. Princípios gerais de esterilização, desinfecção e antibióticos. Biologia da célula microbiana. Bacteriologia. Micologia. Virologia. Vírus, viroide, príons e bactérias. Genética microbiana. Interações dos micro-organismos com o homem e o meio.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

TORTORA, G. J.; CASE, C. L. **Microbiologia**. 6 ed. Porto alegre: Artmed, 2005.

TRABULSI, L. R. **Microbiologia**. 3 ed. Rio de Janeiro: Atheneu, 2005.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

BRANDÃO, W. T. de M. **Microbiologia**. Editora LT. 2013.

BARROSO, H. Melo-Silvestre; NUNO, A. T. **Microbiologia Médica** - Vol. 2 Lidel-zamboni, 2014.

LEVINSON, W. **Microbiologia médica e imunologia**. Porto Alegre. Artmed. 2010.

EVOLUÇÃO : EMENTA: Histórico do pensamento evolucionista. Fontes de variabilidade nos seres vivos. Adaptação. Fatores evolucionários: mutação, seleção natural, fluxo gênico e deriva genética. Componentes genéticos da seleção natural. Isolamento reprodutivo. Raciação e especiação. Linhas de evolução. Coevolução. História evolutiva humana. Genética de populações.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

FUTUYMA, D. J. **Biologia evolutiva**. Ribeirão Preto: Funpec, 2002.

GRIFFITHS, A.J.F.; GELBART, W.M.; MILLER, J.H.; LEWONTIN, R. C. **Introdução à Genética**. 5ª. ed. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan, 2001.

MEYER, D. & El-Hani, C. **Evolução: o sentido da biologia**. Editora Unesp, São Paulo. 2005

TORT, P. **Darwin e a ciência da evolução**. Editora Objetiva, Rio de Janeiro. 2004

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR:

MICHEL, D. A. **A evolução terá sentido?** Lisboa: Instituto Piaget, 1997.

PRÁTICA COMO COMPONENTE CURRICULAR (PCC)

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

A ideia de permear todo o processo de formação como “prática” não é algo recente. Teóricos e conselheiros como Valnir Chagas já assinalam em 1975 a importância de que os currículos para formação dos professores fossem perpassados pela “prática” (SOUZA NETO; SILVA, 2014).

A partir daí, os estudos começaram a se voltar para o entendimento do que seria essa “prática”. Assim, surgiu a proposta de prática de ensino nos currículos, ideia preconizada pelo Parecer CNE/CP n. 9/2001 e no Parecer CNE/CP n. 21/2001. No entanto, esta proposta gerou grandes discussões, que envolveram a prática de ensino articulada com o estágio, principalmente no que tange a carga horária que deveria estar destinada aos mesmos.

Diante disso, é importante ressaltar que a Prática de Ensino e Prática como Componente Curricular se diferem por sua própria natureza. A primeira tem uma articulação direta com o estágio, pois, segundo o artigo 3 do Parecer n.744, de 3 de dezembro de 1997, “[...] a prática de ensino deverá incluir, além de atividades de observação e regência em classe, ações relativas ao planejamento, análise e avaliação do processo pedagógico”. Já a segunda, conforme Souza Neto e Silva (2014, p.89, grifo nosso) apoiado no Parecer CNE/CP n. 28/2001 relata que:

A prática como componente é, pois, uma prática que produz algo no âmbito do ensino. **Sendo a prática um trabalho consciente** [...] Assim, ela deve ser planejada quando da elaboração do projeto pedagógico e seu acontecer **deve se dar desde o início da duração do processo formativo e se estender ao longo de todo o seu processo.**

A partir do que Souza Neto e Silva (2014) preconizam, a Faculdade de Dracena priorizou nesta proposta de Prática como Componente Curricular o estabelecimento de Projetos Interdisciplinares que ocorrerão semestralmente no decorrer dos 07 (sete) semestres dos Cursos de Licenciatura em Educação Física, Letras, Artes, Matemática, Computação e o Curso de Pedagogia. Estes projetos visam estabelecer uma articulação com o contexto escolar, a partir de um processo dialético que articula a teoria e a prática dos futuros professores. Assim, enfatiza como objetivo principal a formação de sujeitos reflexivos, conscientes de seu papel enquanto professores no contexto contemporâneo escolar.

Nessa perspectiva, as 400 horas que envolvem a “Prática como Componente Curricular” estarão distribuídas no decorrer dos 07 (sete) semestres dos Cursos de licenciatura e Pedagogia enfatizando as seguintes temáticas:

Quadro 1 - Distribuição de projetos interdisciplinares no decorrer dos semestres

Semestres	Projetos Interdisciplinares	Carga Horária
1º	Portfólio como Instrumento Sistematizador de Conteúdo	40 horas
2º	Cinema na Escola	60 horas
3º	Aprendizagem Baseada em Problemas	60 horas
4º	Reflexões do Contexto Escolar	60 horas
5º	Metodologia na Prática Escolar	60 horas
6º	Metodologias Inovadoras	60 horas
7º	Gestão Escolar	60 horas

Fonte: Elaborado pelos autores, 2017.

O PRINCÍPIO DA INTERDISCIPLINARIDADE E TRANSDISCIPLINARIDADE NA CONSTRUÇÃO DE PROJETOS

A discussão sobre os assuntos acima citados se dará a partir de premissas interdisciplinares. A gênese do desenvolvimento de trabalhos a partir de uma perspectiva interdisciplinar teve suas primeiras discussões a partir da Lei nº 5.692/71. As reflexões acerca do assunto se ampliaram a partir da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases N° 9.394/96 e com os Parâmetros Curriculares Nacionais, em 1997. Atualmente o princípio interdisciplinar permeia as Diretrizes Curriculares, o Plano Nacional de Educação e a proposta da Base Nacional Comum Curricular.

Além da sua grande influência na legislação e nas propostas curriculares, a interdisciplinaridade tornou-se cada vez mais presente no discurso e na prática de professores. A utilização da interdisciplinaridade como forma de desenvolver um trabalho de integração dos conteúdos de uma disciplina com outras áreas de conhecimento contribui para o aprendizado do aluno.

A partir da interdisciplinaridade, é possível a interação entre disciplinas e ou assuntos aparentemente distintos, mas que possuem um eixo comum. Esta interação possibilita a formulação de um saber crítico-reflexivo, saber esse que deve ser valorizado cada vez mais no processo de ensino-aprendizado. É por meio dessa perspectiva que ela surge como uma forma de superar a fragmentação entre as disciplinas e os assuntos emergentes presentes no contexto escolar, tais como as discussões sobre gênero, raça, educação ambiental, saúde, violência, dentre outros.

Segundo Fazenda (1999), a interdisciplinaridade pressupõe um compromisso com a realidade. Nesse sentido, ela tem como ênfase integrar as outras disciplinas escolares no contexto que vise trabalhar a realidade da comunidade na qual o aluno se encontra. Como podemos perceber nas palavras de Libâneo (1994), o processo de ensino se caracteriza pela combinação de atividades do educador e de seus educandos, entendemos, então, que o educador dirige o estudo das matérias e assim os alunos atingem progressivamente o desenvolvimento de suas capacidades mentais.

Já transdisciplinaridade é um enfoque pluralista do conhecimento que tem como objetivo, por meio da articulação entre as inúmeras faces de compreensão do mundo, alcançar a unificação do saber. Assim, unem-se as mais variadas disciplinas para que se torne possível um exercício mais amplo da cognição humana.

Este olhar múltiplo permite que se abranja a complexidade crescente do mundo pós-moderno, o que justifica a definição da transdisciplinaridade como um fluir de ideias e, mais particularmente, um movimento de reflexão sobre estes conceitos atuais presentes na sociedade e que incidem de maneira significativa no contexto escolar.

O desenvolvimento de propostas interdisciplinares no contexto do ensino superior garante aos futuros docentes o desenvolvimento da capacidade de relacionar as áreas de conhecimento, estabelecendo um sentido a partir da realidade e do contexto em que irão atuar. A vivência dessa experiência desde a formação inicial permite a aproximação com o conceito interdisciplinar e também com as propostas curriculares atuais, tais como a Base Nacional Comum Curricular que:

[...] propõe a interdisciplinaridade como eixo articulador dos conceitos presentes nos componentes curriculares. Assim, desde a elaboração do documento preliminar – elaborado por uma comissão de 116 especialistas e 10 assessores – sugere-se mais claramente as possibilidades de diálogo entre os componentes curriculares. "Estamos agora em um processo de revisão do documento preliminar, que, dentre outras coisas, está mapeando as possibilidades de interdisciplinaridade mais próximas entre objetivos de aprendizagem de diferentes componentes curriculares em uma mesma etapa de escolarização", explica Hilda Aparecida Micarello, coordenadora pedagógica da Comissão de Especialistas para elaboração da Base Nacional. (PEIXOTO, 2015, p.04)

Diante disso, nossa proposta visa desenvolver as capacidades interdisciplinares em nossos licenciandos a partir de assuntos de ordem metodológica e assuntos que permeiam a vivência da realidade do contexto escolar em que eles irão atuar após a formação inicial. Nessa perspectiva, apresentaremos a seguir o quadro síntese e seu detalhamento do que pretendemos desenvolver a partir de cada assunto.

Quadro 2 - Quadro síntese de descrição das atividades a serem desenvolvidas nos semestres

Prática como Componente Curricular (PCC)	Etapa envolvida	C.H (h)	Descrição da atividade	Registro / Avaliação do PCC
Portfólio como Instrumento Sistematizador de Conteúdo	1º semestre	40	Neste semestre, o aluno aprenderá a utilizar o portfólio como instrumento sistematizador de conteúdo. Para isso, desenvolverá, juntamente com os demais estudantes, atividades interdisciplinares em que esteja presente o uso do portfólio como uma maneira de articular os conhecimentos experienciais dos estudantes, com a teoria oriunda das disciplinas e a realidade escolar em que serão inseridos após a formação inicial.	Todas as práticas como componente curricular deverão ser registradas por meio de uma resenha crítica (resumo da atividade, destaque dos pontos fortes, apontamento das deficiências e/ou pontos que, sob a óptica do aluno, poderiam ser mais bem trabalhados). A resenha deve fazer parte do portfólio do aluno, que será um dos instrumentos de avaliação ao final de cada semestre.
Cinema na Escola	2º semestre	60	Neste semestre, o aluno irá refletir acerca dos problemas que circundam a escola e as possíveis formas que poderão encontrar, com base nas teorias que fundamentam o seu processo de formação, para amenizar ou até mesmo sanar alguns deles. Para isso, serão utilizados filmes ou documentários que retratem o contexto escolar, e que promovam essa reflexão.	
Aprendizagem Baseada em Problemas	3º semestre	60	Neste semestre, os alunos trabalharão com situações-problema que retratem a realidade vivenciada no contexto contemporâneo escolar. A Aprendizagem Baseada em Problemas é um método de aprendizagem significativo e eficaz, que será utilizado nesta prática para a reflexão e construção de conhecimentos e soluções para algumas situações vivenciadas pelo professor em sua prática profissional (por exemplo: violência sexual, bullying, etc).	
Reflexões do Contexto Escolar	4º semestre	60	Neste semestre, os estudantes, já inseridos no contexto da escola por meio do estágio supervisionado, deverão produzir reflexões acerca de suas vivências nesse cenário. Para tanto, será utilizada a técnica de construção de narrativas. Neste instrumento, os estudantes farão descrições de algumas vivências observadas na escola (relação professor/aluno; relação gestão/professores, etc.), que serão compartilhadas e refletidas com os colegas e professores no decorrer do desenvolvimento da PCC.	
Metodologia na Prática Escolar	5º semestre	60	Neste semestre, o aluno deverá desenvolver, a partir de uma de suas vivências na prática do estágio, um projeto de caráter interdisciplinar (baseado na Pedagogia por Projetos), visando à ressignificação do espaço escolar, transformando-o num espaço vivo de interações, aberto ao real e às suas múltiplas dimensões. Essa prática permitirá o crescimento do estudante no que tange o conhecimento de procedimentos de ensino aprendizagem que contemplem e sejam adequados à perspectiva interdisciplinar.	
Metodologias Inovadoras	6º semestre	60	Neste semestre, o aluno participará de grupos de estudo que permitirão, por meio de pesquisas, dos saberes experienciais advindos da prática do estágio na escola e de reflexões, a análise de metodologias inovadoras que estão sendo utilizadas no contexto escolar e que possam fazer diferença no processo de ensino-aprendizagem de seus futuros alunos por meio de suas práticas pedagógicas.	
Gestão Escolar	7º semestre	60	Neste semestre, os alunos trabalharão com situações-problema (Aprendizagem Baseada em Problemas) que retratem a realidade vivenciada no contexto de gestão escolar. Esta proposta visa a uma aproximação da realidade que envolve a atuação do gestor na escola, permitindo a construção de conhecimentos e vivências sobre este processo. O conhecimento do cenário escolar à luz de sua gestão se faz como primordial no desenvolvimento do processo de formação dos futuros professores, uma vez que poderão atuar como gestores escolares e precisarão assumir uma postura inovadora, democrática e participativa.	

Fonte: Elaborado pelos autores, 2017.

1. OS PROJETOS INTERDISCIPLINARES SEMESTRAIS

1.1 Portfólio como Instrumento Sistematizador de Conteúdo

O portfólio é mais do que uma coleção de trabalhos realizados pelo estudante ao longo do tempo, uma vez que promove o aparecimento de uma aprendizagem reflexiva. Neste contexto, “[...]falamos então de portfólios híbridos que mantêm a possibilidade de escolha de materiais para avaliação, mas que têm de respeitar critérios de seleção e de reflexão preestabelecidos” (VEIGA SIMÃO, 2005, p. 282).

A elaboração do portfólio enquanto instrumento de formação e reflexão possibilita ao estudante promover a autorreflexão por meio das experiências vivenciadas. Adicionalmente, promove a avaliação conjunta com o docente ao partilhar com este os aspectos relevantes de todo o processo.

Canavarro, Martins e Rocha (2007) consideram o portfólio como um instrumento de avaliação de grande relevância, cujas informações nele contidas possibilitam ao professor verificar o processo de aprendizagem contínuo. Deste modo, o portfólio assume cada vez mais importância na formação de professores.

Segundo Sá-Chaves (2000), o portfólio proporciona o diálogo entre o professor e os estudantes que serve não só para fins de avaliação, como também facilita o alargamento e a diversificação de entendimento entre si, o que estimula o desenvolvimento de um pensamento reflexivo. A sua utilização permite que se desenvolva uma prática reflexiva, possibilitando ao formando um papel ativo na sua construção, de forma a tomar consciência do valor do “aprender a aprender” e poder melhorar a sua prática de forma contínua, traçando objetivos que o orientem no seu desenvolvimento profissional e individual.

Esta prática implica de igual modo a planificação das atividades educativas, a produção de reflexões que caracterizam o contexto e os seus participantes, as relações interpessoais, as competências e os novos conhecimentos que foram adquiridos ao longo do processo de formação inicial (SÁ-CHAVES, 2005).

De acordo com Sousa (1998, p.155), o portfólio pode ser olhado como um modelo de avaliação desencadeador e registrador do fluir do desenvolvimento cognitivo do estudante, com a vantagem de uma relação educativa menos competitiva, facilitadora não só do desenvolvimento da sua autonomia, mas também de todo o processo de formação, investigação e intervenção.

Diante disso, no decorrer do primeiro semestre, o aluno aprenderá a utilizar o portfólio como instrumento sistematizador de conteúdo. Para isso, desenvolverá, juntamente com os demais estudantes, atividades interdisciplinares em que esteja presente o uso do portfólio como uma maneira de articular os conhecimentos experienciais dos estudantes, com a teoria oriunda das disciplinas e a realidade escolar em que serão inseridos após a formação inicial.

1.2 Cinema na Escola

A ideia de educar pelo cinema é altamente relevante e antiga, pois, segundo ARAÚJO (2007), desde os primórdios da produção cinematográfica a indústria do cinema sempre foi considerada, inclusive pelos próprios produtores e diretores, um poderoso instrumento de educação e instrução. Pode-se dizer que, como afirma Alencar:

O cinema possibilita o encontro entre pessoas, amplia o mundo de cada um, mostra na tela o que é familiar e o que é desconhecido e estimula o aprender. Penso que o cinema aguça a percepção a torna mais ágil o raciocínio na medida em que, para entendermos o conteúdo de um filme, precisamos concatenar todos os recursos da linguagem fílmica utilizados no desenrolar do espetáculo e que evoluem com rapidez (ALENCAR, 2007, p. 137).

Percebe-se então claramente que o cinema se insere mais facilmente na mente do estudante, e o conteúdo do que está se passando no filme pode atuar como recurso pedagógico, pois é bastante flexível quanto ao modo de retratar qualquer assunto. De acordo com Viana (2002),

[...] o adequado equilíbrio entre as palavras e as imagens, facilita os processos de desenvolvimento do pensamento em geral e, em particular no processo de ensino/aprendizagem. É por isso que se assinala que sem sensações, percepções e representações, não há desenvolvimento do pensamento; daí, ser importante, sempre que possível, além das palavras, usar representações visuais (VIANA, 2002, p.77).

Desta forma, o cinema pode muito bem servir como instrumento útil ao processo de ensino-aprendizagem, pois educar pelo cinema ou utilizar o cinema no processo de ensino é ensinar a ver diferente. É educar o olhar. A educação está passando por uma fase em que o professor deve se desdobrar para atingir seu objetivo de educar, devido a dificuldades diversas a serem

enfrentadas, fazendo com que a prática de ensino seja um tema bastante discutido entre os estudiosos da educação, pois qualquer tipo de aperfeiçoamento que se faça com o objetivo de auxiliar na prática para melhor aproveitamento do aluno é bem-vindo.

Teoria e prática precisam andar juntas, a fim de que uma complemente a outra. Assim, como o cinema é uma arte visual relativamente nova, pode ampliar a visão da educação dada em sala de aula e oferecer forma diferente de ensinar. Pois:

O significado cultural de um filme (ou de um conjunto deles) é sempre constituído no contexto em que ele é visto e/ou produzido. Filmes não são eventos culturais autônomos, é sempre a partir dos mitos, crenças, valores e práticas sociais das diferentes culturas que narrativas orais, escritas ou audiovisuais ganham sentido (DUARTE, 2002, p. 51-52).

Assim, o docente necessita descobrir nos filmes o processo de escolarização e retirar deles reflexões que instiguem os estudantes a raciocinar mais profundamente, pois aí está a chave da utilização do cinema na sala de aula. A informação que deve ser retirada do filme nem sempre está explícita nas cenas, pode estar subentendida em uma fala, em um cenário, em um modo de agir dos personagens, etc. Cabe ao professor direcionar a ligação entre o filme e o conhecimento. Com relação a isso, Carmo, afirmou que:

[...] o cinema pode cumprir um papel saudável e esclarecedor no processo de escolarização. Não há como compreender a comunicação imagética sem o pensamento, sem o esforço intelectual. O acesso fácil às imagens não quer dizer um fácil entendimento de suas formas (CARMO, 2003, s/p).

Assim, ao se dispor a ver filmes como fonte de conhecimento e de informação, a análise dos filmes “[...] ajuda professores e estudantes a compreender (apreciar e, sobretudo, respeitar) a forma como diferentes povos educam/formam as gerações mais novas. É sempre um mundo novo, construído na e pela linguagem cinematográfica, que se abre para nós” (DUARTE, 2002, p. 106). Por esta razão, o professor que conseguir fazer a associação entre cinema e educação tem grande chance de ter sucesso no processo de ensino aprendizagem do conteúdo a ensinar, pois a linguagem fascinante do cinema reúne ao mesmo tempo questões políticas, econômicas, existenciais e sociais.

Nesse sentido, neste semestre, o aluno irá refletir acerca dos problemas que circundam a escola e as possíveis formas que poderão encontrar, com base nas teorias que fundamentam o seu processo de formação, para amenizar ou até mesmo sanar alguns deles. Para isso, serão utilizados filmes ou documentários que retratem o contexto escolar, e que promovam essa reflexão.

Estão em nosso rol de escolhas filmes e documentários tais como:

- ✓ **Escritores da liberdade:** que retrata alunos rebeldes e sem vontade de aprender, ancorados em uma constante tensão racial. Assim, para fazer com que os alunos aprendam e também falem mais de suas complicadas vidas, a professora Gruwell (Hilary Swank) lança mão de métodos diferentes de ensino;
- ✓ **Entre os muros da escola:** que apresenta François Marin um professor de língua francesa em uma escola de ensino médio, localizada na periferia de Paris. Ele e seus colegas de ensino buscam apoio mútuo na difícil tarefa de fazer com que os alunos aprendam algo ao longo do ano letivo. François busca estimular seus alunos, mas o descaso e a falta de educação são grandes complicadores;
- ✓ **Mentes perigosas:** discorre sobre uma ex-oficial da marinha que abandona a vida militar para ser professora de inglês. Só que logo na primeira escola em que começa a lecionar, ela vai se deparar com diversas barreiras. Sendo um colégio de negros, latinos, e na maioria de pessoas pobres, ele terá que lidar com a rebeldia dos alunos. Como a professora Louanne Johnson não consegue por meio de métodos convencionais a atenção da sua classe, ela parte para outra forma de ensino. Passa a dar aulas com karatê e músicas de Bob Dylan, tentando ajudar a turma com métodos pouco convencionais.
- ✓ **A língua das mariposas:** trata do menino Moncho, que teve sua vida transformada começando na escola. Vivia em tempo de fazer amigos e descobrir novas coisas, até o início da Guerra Civil Espanhola, quando ele reconhece a dura realidade de seu país. Rebeldes fascistas abrem fogo contra o regime republicano e o povo se divide. O pai e o professor do menino são republicanos, mas os rebeldes ganham força, virando a vida do garoto de pernas para o ar.
- ✓ **Filhos do silêncio:** conta a história de James Leeds, um idealista professor de linguagem de sinais que gosta de usar métodos pouco convencionais. Na escola em que acaba de ser contratado, ele conhece Sarah Norman (Marlee Matlin), uma mulher arredia e fechada que continua na escola mesmo após ter se formado. Ao perceber o medo que a jovem tem do mundo, ele tenta se aproximar e ajudá-la, e o que era um desafio profissional logo se transforma em uma louca paixão.

- ✓ Maria Montessori: uma vida dedicada às crianças: o filme conta a emocionante história da primeira mulher italiana formada em uma faculdade de medicina e de suas lutas contra o fascismo italiano pela aceitação de seu método de ensino, abordando seus dramas pessoais devido ao filho ilegítimo e aos costumes da época. A médica e professora Maria Montessori foi uma mulher à frente do seu tempo, que dedicou sua vida ao estudo e à pesquisa do mais fundamental e difícil problema do homem: a sua formação.

1.3 Aprendizagem Baseada em Problemas

Um dos maiores desafios da educação na atualidade é promover reformas que, de fato, acompanhem o desenvolvimento científico, tecnológico, social, cultural, econômico e ambiental, tendo em vista contribuir para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa, social e economicamente.

O processo de reforma na educação, que, inevitavelmente, traz diversas mudanças, entre as quais romper com estruturas rígidas e com o modelo de ensino tradicional (LIBÂNIO, 1992; FREIRE, 1996, 2011; CAMBI, 1999; MIZUKAMI, 1986; SAVIANI, 1991) precisa investir na formação de professores com vistas ao desenvolvimento de competências que lhes permitam recuperar a dimensão essencial do ensino e da aprendizagem, que é a produção de conhecimento pertinente (MORIN, 2000) e significativo para contribuir com a formação de profissionais que irão atuar na sociedade, de forma inovadora e ética, com o cuidado necessário nas relações entre os seres humanos e o meio ambiente.

Muitas vezes, as experiências inovadoras são introduzidas a partir de práticas de ensino individuais bem sucedidas, cujos docentes alcançaram resultados de destaque em sua atuação pedagógica, facilitando, por isso, sua disseminação e ampliação nas demais instituições. Assim, na contramão do modelo tradicional de ensino, as experiências desenvolvidas buscam inovar, tendo em vista a exploração de novas possibilidades no contexto educacional, para mobilizar processos significativos de mudança.

Nesse cenário, em que se visa à satisfação da demanda por novas formas de trabalhar com o conhecimento, surge a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) como um método de aprendizagem inovador, contrapondo-se aos modelos didáticos de ensino apoiados em perspectivas ditas tradicionais, em que o professor é o centro do processo de transmissão de saberes para alunos que apenas recebem e memorizam o conhecimento transmitido.

Nesse contexto, a Aprendizagem Baseada em Problemas (ABP) trata-se, portanto, de um método de aprendizagem centrado no estudante, que deixa o papel de receptor passivo do conhecimento e assume o lugar de protagonista de seu próprio aprendizado por meio da pesquisa.

Nesse sentido, neste semestre, os alunos trabalharão com situações-problemas que retratem a realidade vivenciada no contexto contemporâneo escolar. A Aprendizagem Baseada em Problemas é um método de aprendizagem significativo e eficaz, que será utilizado nesta prática para a reflexão e construção de conhecimentos e soluções para algumas situações vivenciadas pelo professor em sua prática profissional (por exemplo: violência sexual, bullying, etc.).

1.4 Reflexões do Contexto Escolar

Todos nós, que passamos pela escola, temos diversas lembranças sobre como era ser aluno e como os acontecimentos vividos dentro dos muros da instituição e nos seus arredores podem ter um significado enorme na vida de uma criança ou de um adolescente. Muitos destes acontecimentos são diretamente relacionados às características do ensino, com todas as suas potencialidades e pontos críticos, o que nos leva à necessidade de falar das políticas públicas direcionadas à Educação, desde o momento de suas criações, até a forma de implementação no cotidiano escolar.

Segundo Souza (2007), a escola é um local de paradoxos, assim como toda a instituição. Ao mesmo tempo em que neste espaço existem forças que levam ao sofrimento e ao fracasso, é formada por seres humanos que se dedicam a construir conhecimento, amor, cidadania, entre outros. Desta maneira, embora todos nós tenhamos lembranças de profunda admiração por pessoas que passaram e marcaram as nossas vidas escolares, não podemos negar que o ensino público no Brasil, há algum tempo, está em uma situação extremamente complexa.

Decorrente desta situação das escolas públicas, uma consequência grave que enfrentamos é o não cumprimento daquilo que a escola tem como objetivo atingir: o acesso à educação de qualidade a todos. Patto (2008) relata a trajetória das diferentes concepções de causas do fracasso escolar. Iniciado pela ideia da "teoria da carência cultural", o pensamento que buscava uma causa ou um culpado para o fracasso escolar passou por momentos em que a responsabilidade por este fenômeno estava calcada na concepção da relação empobrecida entre mães e filhos das camadas populares e pais desinteressados. Mais adiante, o discurso passou a atribuir como centro do problema a falta ou insuficiência na formação dos professores para atender determinados públicos.

Podemos observar um deslocamento do que era entendido como causa do fracasso escolar, procurando por um "culpado", ainda sem considerar as relações estabelecidas a partir deste contexto (SOUZA, 2007). Leite (2007) inicia uma discussão sobre qual é a função da escola. Ele afirma que esta, embora pareça uma questão simples, ao contrário disso, apresenta diversos olhares e diferentes concepções no decorrer da história das sociedades capitalistas. Entretanto, algo importante é que a maneira com que os homens e mulheres que trabalham no ambiente escolar realizam as suas tarefas difere de acordo com as ideias que estes profissionais possuem a respeito da função da educação.

Para o autor (2007), uma questão que permeia todas estas mudanças e os pontos de vista dos profissionais da educação é se a escola, em especial a escola pública, consegue, de fato, colaborar para uma sociedade mais justa, mais humana e que consiga contribuir para a superação da opressão, ou seja, contribuir para a formação de sujeitos críticos e transformadores.

Nesse sentido, neste semestre, os estudantes, já inseridos no contexto da escola por meio do estágio supervisionado, deverão produzir reflexões acerca de suas vivências nesse cenário. Para tanto, será utilizada a técnica de construção de narrativas. Neste instrumento, os estudantes farão descrições de algumas vivências observadas na escola (relação professor/aluno; relação gestão/professores, etc.), que serão compartilhadas e refletidas com os colegas e professores no decorrer do desenvolvimento da PCC.

1.5 Metodologia na Prática Escolar

Os avanços das ciências, o processo de urbanização acelerada, as mudanças sociais causadas pelo processo de industrialização viabilizaram uma renovação na organização do ensino. Esse processo ficou conhecido como Escola Nova (ARANHA, 1996). No Brasil, esse movimento chegou a partir da década de 1930, como uma reação à educação tradicional, caracterizada pelo imobilismo, pela descontextualização da escola e vida e pelo processo de ensino-aprendizagem centrado no professor.

Contrariamente, a Escola Nova propõe uma educação voltada aos interesses infantis (Pestalozzi e Fröebel); projetos integrados (Ferrière, Krupskaja e Makarenko); temas lúdicos, ensino ativo, atividade livre e estimulação sensorio-motora (Montessori e Decroly); valorização da experiência (Dewey); valorização do trabalho, atividade em grupo, cooperação e participação (Freinet), etc.

No Brasil, nos anos 1960, Paulo Freire é destaque na educação brasileira com a introdução de problemas políticos e socioculturais no processo escolar, por meio da educação libertadora e os chamados temas geradores. Suas ideias são conhecidas mundialmente e divulgadas por meio de seus livros, dentre eles "Pedagogia do Oprimido" e "Pedagogia da Autonomia". Jurjo Santomé e Fernando Hernandez, a partir da década de 1990 (Espanha), propõem o currículo integrado e os projetos de trabalho, que vão influenciar propostas pedagógicas e documentos oficiais brasileiros. Temos também a contribuição de Antoni Zabala, no início deste século, que propõe o projeto educativo abordado por um enfoque globalizador fundado na interdisciplinaridade.

Mais recentemente, com o desenvolvimento de novas tecnologias da informação e comunicação, muitos educadores defendem um currículo plural, permeado de temas, questões e problemas que se fazem presentes no cotidiano de todos nós. Dentre eles, merece destaque Arroyo (1994, p. 31), que afirma:

Se temos como objetivo o desenvolvimento integral dos alunos numa realidade plural, é necessário que passemos a considerar as questões e problemas enfrentados pelos homens e mulheres de nosso tempo como objeto de conhecimento. O aprendizado e vivência das diversidades de raça, gênero, classe, a relação com o meio ambiente, a vivência equilibrada da afetividade e sexualidade, o respeito à diversidade cultural, entre outros, são temas cruciais com que, hoje, todos nós nos deparamos e, como tal, não podem ser desconsiderados pela escola.

Neste sentido, neste semestre, o aluno participará de grupos de estudo que permitirão, por meio de pesquisas, dos saberes experienciais advindos da prática do estágio na escola e de reflexões, a análise de metodologias inovadoras que estão sendo utilizadas no contexto escolar e que possam fazer diferença no processo de ensino-aprendizagem de seus futuros alunos por meio de suas práticas pedagógicas.

O trabalho com projetos inaugura nova perspectiva para compreendermos o processo de ensino-aprendizagem. Aprender deixa de ser um simples ato de memorização e ensinar não significa mais repassar conteúdos definidos ou prontos. Todo conhecimento passa a ser construído em estreita relação com o contexto em que é utilizado, sendo, por isso mesmo, impossível separar os aspectos cognitivos, emocionais e sociais presentes nesse processo.

Os projetos pedagógicos interdisciplinares são modos de organizar o ato educativo que indicam uma ação concreta, voluntária e consciente que é decidida tendo-se em vista a obtenção de algo formativo, determinado e preciso. Diante disso, aprimora a escolha por procedimentos de ensino aprendizagem contextualizados com a realidade escolar.

Segundo Hernandez e Ventura (1998, p. 61):

A função do projeto é favorecer a criação de estratégias de organização dos conhecimentos escolares em relação a: 1) o tratamento da informação, e 2) a relação entre os diferentes conteúdos em torno de problemas ou hipóteses que facilitem aos alunos a construção de seus conhecimentos, a transformação da informação procedente dos diferentes saberes disciplinares em conhecimento próprio.

Se a disciplina tem por objeto a transmissão de um saber específico, restrito e fragmentado a ser adquirido por meio de ferramentas específicas, o projeto pedagógico interdisciplinar vai além. Trata-se de uma construção pedagógica que deve ser entendida como conjunção global de múltiplos meios, que oferecerão suporte à busca e construção do conhecimento.

1.6 Metodologias Inovadoras

Mudanças, geralmente, representam desafios. Na educação não é diferente. A adoção de novas tecnologias e metodologias de ensino passa por um período de desconfiança antes de ser amplamente aceita e efetivada no dia a dia. No Brasil, mesmo a passos lentos, somam-se as experiências que estimulam os estudantes a serem proativos na busca pelo conhecimento e pelo desenvolvimento de competências. Escolas que quebram as barreiras do processo ensino-aprendizagem tradicional ousam na organização do ambiente, na utilização de novas didáticas e recursos e na mobilização de alunos, professores, familiares e comunidade.

Uma das fontes inspiradoras para essas escolas consideradas inovadoras é a Escola Básica da Ponte, em Portugal. Desde a década de 1970, a instituição aplica a educação democrática, que substitui as salas de aula por espaços de trabalho em grupo, propõe a atuação dos professores como tutores e está mais centrada em dar condições para o autodesenvolvimento do alunado, entre tantos outros instrumentos pedagógicos que constituem o projeto educativo.

Essa nova realidade está baseada nos princípios de que a escolarização e o trajeto de crescimento de cada pessoa são únicos e irrepetíveis e na necessidade de valorizar a construção da identidade pessoal, estimulando a iniciativa, a criatividade e a responsabilidade.

De fato, essas práticas visam adequar a escola às mudanças que o mundo enfrenta, especialmente em relação ao acesso às informações, à velocidade das transmissões e às redes colaborativas que tanto marcam o ambiente virtual e com as quais os estudantes estão habituados a conviver. Isso significa que a atual escola e a formação dos futuros docentes precisa ser repensada e totalmente reformulada para se aproximar da nova realidade e ser mais atrativa.

A escola tem que mexer na organização de tudo o que envolve as formas de ensinar e do aluno aprender: as metodologias de ensino, a ampliação de múltiplos espaços e tempos, com a presença das tecnologias digitais no cotidiano e na sala de aula (MORAN, 1999, p.06).

O foco é uma formação que promova a autonomia do estudante. Se quisermos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados. Se quisermos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades expressivas (MORAN, 1999). Ou seja, as metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos.

Diante disso, nossa proposta para este semestre é o desenvolvimento de grupos de estudo vinculados ao desenvolvimento dos conteúdos curriculares que pesquisem sobre metodologias inovadoras com o intuito de articular os saberes experienciais advindos da prática do estágio na escola, os estudos sobre procedimentos didáticos que fortifiquem e consolidem ainda mais a formação dos futuros professores, no intuito de que possam fazer grande diferença no processo de ensino-aprendizagem de seus futuros alunos por meio de suas práticas pedagógicas.

1.7 Gestão Escolar

Já é lugar comum a afirmação de que vivemos uma época de mudança. Porém, a mudança mais significativa que se pode registrar é a do modo como vemos a realidade e de como dela participamos, estabelecendo sua construção.

A mudança de paradigma é marcada por uma forte tendência à adoção de concepções e práticas interativas, participativas e democráticas, caracterizadas por movimentos dinâmicos e globais, com os quais, para determinar as características do meio escolar, interagem gestores, funcionários, professores e alunos.

Como paradigma, é uma visão de mundo que permeia todas as dimensões da ação humana, não se circunscreve a esta ou àquela área, a este ou àquele nível de operação. A realidade atua como um conjunto de peças de dominó colocadas em pé, lado a lado: ao se empurrar uma, todas as demais irão caindo subsequentemente. Essa situação ilustra a compreensão da realidade como um sistema, daí por que todos os conceitos seriam inter-relacionados.

Mais do que isso ocorre, uma vez que um conceito está, de fato, inserido no outro. Muito embora as concepções de descentralização, democratização da gestão escolar e autonomia da escola sejam parte de um mesmo corolário, encontramos certos sistemas que buscam o desenvolvimento da democratização da gestão escolar, sem pensar na autonomia do estabelecimento de ensino e sem descentralizar poder para a mesma. Ou que pensam em construir sua autonomia, sem agir no sentido de criar mecanismos sólidos de sua democratização, em vista do que, paradoxalmente, se pode criar a autonomia do autoritarismo local.

Por outro lado, ainda, observa-se o esforço de alguns sistemas de ensino, no sentido de desenvolver nas escolas os conceitos de democratização e autonomia, de modo centralizado, o que implica uma contradição paradigmática muito comum, que faz com que os esforços se anulem. Isso porque é comum a prática de se incentivar a promoção de mudanças de cima para baixo, na hierarquia funcional, de modo que a mudança pretendida é proposta para a escola, não sendo absorvida e praticada por quem a propõe (Lück, 1985).

Diante disso, neste semestre, os alunos trabalharão com situações-problemas (Aprendizagem Baseada em Problemas) que retratem a realidade vivenciada no contexto de gestão escolar. Esta proposta visa a uma aproximação da realidade que envolve a atuação do gestor na escola, permitindo a construção de conhecimentos e vivências sobre este processo. O conhecimento do cenário escolar à luz de sua gestão se faz como primordial no desenvolvimento do processo de formação dos futuros professores, uma vez que poderão atuar como gestores escolares e precisarão assumir uma postura inovadora, democrática e participativa.

Os processos de inovação das práticas pedagógicas na escola requerem gestores atentos às mudanças e dispostos a colocar os melhores projetos em prática. “Um gestor é um líder, fundamental para a aceleração das mudanças necessárias numa escola envelhecida, obsoleta e pouco relevante para a formação profissional e para a formação para a vida” (MORAN, 1999, p.07). Esse perfil não é apenas para quem atua diretamente nas instituições de ensino, mas também para os responsáveis pela gerência da educação pública.

Muitos se justificam na burocracia, na falta de verbas, no corporativismo dos profissionais da educação para deixar tudo como está. Mas um bom gestor promove, favorece, estimula mudanças nos modelos pedagógicos, na atualização metodológica, na viabilização de recursos tecnológicos e na mobilização de professores, funcionários, famílias e comunidade (MORAN, 1999, p.07).

Os docentes também precisam assumir novas posturas, ser mais proativos e inovadores. Nessa nova visão, a atuação do professor continua a ser fundamental, mas tem uma perspectiva mais ampla: direcionar os alunos, com seus diferentes ritmos de aprendizagem e habilidades, motivá-los a novas descobertas, sendo um interlocutor capaz de estimular cada estudante no caminho da aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar que se faz como necessidade urgente habilitar aqueles que, hoje, no país, estão em sala de aula, exercendo o magistério. Em nome dessa urgência, a Prática como Componente Curricular, emerge como uma forma de ocupar um espaço significativo nos projetos pedagógicos e organizações curriculares dos cursos de licenciatura.

O rompimento com o modelo que prioriza a teoria em detrimento da prática não pode significar a adoção de esquemas que supervalorizem a prática e minimizem o papel da formação teórica. Assim como não basta o domínio de conteúdos específicos e/ou pedagógicos para alguém se tornar um bom professor, também não é suficiente estar em contato apenas com a prática para se garantir uma formação docente de qualidade. Sabe-se que a prática pedagógica não é isenta de conhecimentos teóricos e que estes, por sua vez, ganham novos significados quando diante da realidade escolar (PEREIRA, 2011).

Diante disso, esperamos que a implementação desse projeto interdisciplinar de Prática como Componente Curricular possa articular de maneira significativa a teoria com a prática a partir do estabelecimento de reflexões acerca do contexto escolar, do papel do professor e gestor no contexto contemporâneo, em que os assuntos sociais emergentes permeiam cada vez mais a construção dos currículos.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, S.E.P. O cinema na sala de aula: uma aprendizagem dialógica da disciplina história. **Dissert. mestrado**. Fac. de Educação. Univ. Federal do Ceará. Fortaleza/CE. 2007.
- ARANHA, M.L. História da Educação. 2ed. **Revista Atual**. São Paulo: Moderna, 1996.
- ARAÚJO, S. A. Possibilidades pedagógicas do cinema em sala de aula. **Revista Espaço Acadêmico**, n.º 79, Mensal, Dezembro/2007.
- ARROYO, Miguel. O significado da infância. **In: Simpósio Nacional de Educação Infantil**, 1994, Brasília. Anais. Brasília: EC/SEF/DPE/COEDI. 1994. p. 88-92.
- BRASIL, Ministério da Educação. Parecer CNE/CES n. 744, de 3 de dezembro de 1997. Brasília, DF, 1997. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/index>> acesso em 22 de jun de 2017.
- BRASIL, Ministério da Educação. Parecer CNE/CP n.9 de 08 de maio de 2001, Brasília, DF, 2001. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/index>> acesso em 22 de jun de 2017.
- BRASIL. **Lei 5.692, de 11 de agosto de 1971**. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Brasília, DF: 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5692.htm>. Acesso em 23 junho de 2017.
- BRASIL/MEC. **Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996.
- CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: UNESP, 1999
- CANAVARRO, A. P., MARTINS, C. e ROCHA, I. (2007). **Avaliação na formação de professores. Alguns pontos para discussão**. Disponível em: <http://www.esev.ipv.pt/eiem2007/index_ficheiros/GD%20%20Professores.doc> Acesso em 26 de jun. de 2017.
- CARMO, L. **Revista Ibero Americana de Educação**. No. 32: Maio-Agosto 2003. Disponível em acesso em: 2010
- DUARTE, R. **Cinema & Educação**. – Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FAZENDA, Ivani. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 4 ed. Campinas: Papirus, 1999.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996

- HERNÁNDEZ, F. & VENTURA, M. **A organização do currículo por projetos de trabalho**: o conhecimento é um caleidoscópio. Porto Alegre: ArtMed, 1998.
- LEITE, S. A. S. A construção da escola pública democrática: algumas reflexões sobre a política educacional. In: **Orientação à queixa escolar**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007
- LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo: Loyola, 1992.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. 13 Ed. São Paulo: Cortez, 1994.
- LÜCK, H. et al. **A escola participativa**: o trabalho do gestor escolar. 4.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1985
- MIZUKAMI, M. G. N. **Ensino**: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.
- MORAN, J.M. **O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD - uma leitura crítica dos meios**. Programa TV Escola - Capacitação de Gerentes", realizado pela COPEAD/SEED/MEC em Belo Horizonte e Fortaleza, no ano de 1999.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000
- PEIXOTO, L. **Porque uma Base Nacional Comum Curricular?** [online] 2015. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/por-que-uma-base-nacional-comum-curricular-1.html>> Acesso em: 24 de junho de 2017.
- Pereira, J. E. D. A prática como componente curricular na formação de professores. **Rev.Educação**, Santa Maria, v. 36, n. 2, p. 203-218, maio/ago. 2011.
- SÁ-CHAVES, I. **Os “portfolios” reflexivos (também) trazem gente dentro. Reflexões em torno do seu uso na humanização dos processos educativos**. Porto: Porto Editora, 2005.
- SAVIANI, D. **Escola e democracia**. 24. ed. São Paulo: Cortez, 1991
- SOUSA, C. P. **Evocação da entrada na escola: relatos autobiográficos de professoras e professores**. In: BUENO, B. O. et al. (Org.). A vida e o Ofício dos Professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração. São Paulo: Escrituras, 1998, p.31-44.
- SOUZA NETO, Samuel; SILVA, Samuel Pinto da. Prática como componente curricular: questões e reflexões. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 14, n. 43, p. 889-909, set/dez 2014.
- VEIGA SIMÃO, A. M., LOPES DA SILVA, A. & SÁ, I (Orgs.) **Autorregulação da Aprendizagem**: das Concepções às Práticas. Coleção Ciências da Educação. Lisboa: Educa &Ui&dCE. 2005
- VIANA, M. C. V., Perfeccionamiento del currículo para la formación de profesores de matemática en la UFOP. **Tese de Doutorado**. ICCP-Cuba. 2002.

ATIVIDADES TEÓRICO-PRÁTICAS DE APROFUNDAMENTO (ATPA)

As Atividades Teórico-Práticas de Aprofundamento visam possibilitar o alargamento do repertório e do referencial teórico das práticas de ensino a partir de manifestações e oferta cultural local concreta. Assim, por meio das ATPAs pretende-se contribuir para ampliar as reflexões acadêmicas a serem apropriadas e utilizadas pelos protagonistas do processo educativo – alunos e professores – naquilo que refira aos valores culturais/estéticos e suas práticas.

Essa dinâmica pode e deve ser considerada no ensino para gerar, como propõe Paulo Freire, “Práticas Educativas Emancipadoras” (FREIRE, 1983) que permitam vislumbrar propostas de mudança social através da leitura do mundo e da inserção consciente nele.

Logo, as relações entre as manifestações culturais e as diferentes propostas de ensino deverão estar articuladas, podendo ser vistas como constitutivas de linguagens, em especial as visuais, que marcam a contemporaneidade, assim como uma formação de professores comprometida com as práticas e representações sociais das comunidades, principalmente quanto às produções que compõem a cultura visual aqui entendida a partir do que propõe Hernandez como:

[...] uma diversidade de práticas e interpretações críticas em torno das relações entre as posições subjetivas e as práticas culturais e sociais do olhar”, ou seja, “do movimento cultural que orienta a reflexão e as práticas relacionadas a maneiras de ver e de visualizar as representações culturais e, em particular, refiro-me às maneiras subjetivas e intersubjetivas de ver o mundo e a si mesmo. (HERNANDEZ, 2007, p.22).

Diante disso, a proposta das Licenciaturas em Ciências Biológicas, Educação Física, Letras, Matemática, Artes e Computação e do Curso de Pedagogia das Faculdades de Dracena é desenvolver eventos (palestras, workshops, minicursos, congressos, mesas-redondas, entre outros), com a participação ativa do estudante na sua elaboração, implementação e execução, de caráter semestral a partir de uma perspectiva transdisciplinar incorporando as seguintes temáticas:

- ✓ **Construção da Identidade Cultural**: A identidade cultural está relacionada com a forma como vemos o mundo exterior e como nos posicionamos em relação a ele. Esse processo é contínuo e perpétuo, o que significa que a identidade de um sujeito está sempre sujeita a mudanças. Nesse sentido, a identidade cultural preenche os espaços de mediação entre o mundo “interior” e o mundo “exterior”, entre o mundo pessoal e o mundo público. Nesse processo, ao mesmo tempo que projetamos nossas particularidades sobre o mundo exterior (ações individuais de vontade ou desejo particular), também internalizamos o mundo exterior (normas, valores, língua...). É nessa relação que construímos nossas identidades. Diante disso, entendemos como de extrema relevância a discussão acerca desses conceitos, tendo em vista a formação de futuros professores.

- ✓ Educação Ambiental e Sustentabilidade: É imperioso que no processo de formação dos futuros docentes, bem como no contexto escolar, se faça presente a compreensão de que aplicando uma política que promova a importância da educação ambiental voltada principalmente para a sustentabilidade já nas escolas primárias, criaremos nas novas gerações a devida mentalidade conservacionista e será muito mais fácil implementar políticas que visem à utilização sustentável dos recursos planetários no futuro. Essa prática de convencimento também se enquadra numa política de educação ambiental voltada para a sustentabilidade. Propiciar desde a formação inicial a oportunidade para a reflexão dessa temática é uma maneira de promover no futuro bem próximo a construção de cidadãos conscientes de seu papel na sociedade.
- ✓ Inclusão e sociedade: A inclusão implica mudança desse atual paradigma educacional. É inegável que os velhos paradigmas da modernidade estão sendo contestados e que o conhecimento, matéria-prima da educação, está passando por mudanças. As noções de “normalidade” e de “diferenças” são o resultado de relações sociais e de produções discursivas. Elas configuram-se como criações que envolvem relações de poder que buscam classificar, assegurar e marcar posições de sujeito na sociedade dividindo o mundo entre nós e eles, entre o normal e o anormal. Assim, compreendemos que se faz importante na formação dos sujeitos a discussão acerca dos preceitos inclusivos no sentido da formação de pessoas que busquem transformar a realidade social.
- ✓ Diversidade de gênero: pesquisas qualitativas sinalizam a recorrência com que a exclusão escolar aparece nas trajetórias de vidas das pessoas LGBT e são sempre associadas ao ódio e à violência perpetrados contra essa população, dentro do ambiente escolar. O que as investigações acima citadas fazem em comum é identificar as discriminações de gênero como causas para processos de exclusão escolar. A Defensoria Pública é um órgão que recebe inúmeras denúncias de discriminações nas escolas, sendo as principais delas: a recusa de utilização do nome social, o desrespeito à identidade de gênero de travestis e transexuais, a prática reiterada de insultos contra pessoas integrantes da população LGBT e agressões físicas ou ameaças contra mulheres. Nesse sentido, torna-se relevante a discussão acerca da temática na formação dos futuros professores.
- ✓ Cidadania e direitos humanos: Cidadania é a tomada de consciência de seus direitos, tendo como contrapartida a realização dos deveres. Isso implica no efetivo exercício dos direitos civis, políticos e socioeconômicos, bem como na participação e contribuição para o bem-estar da sociedade. A cidadania deve ser entendida como processo contínuo, uma construção coletiva, significando a concretização dos direitos humanos. Nessa perspectiva é imperiosa a discussão acerca dessa temática a fim de que nas instituições de ensino superior formemos sujeitos capazes de atuar como cidadãos respeitando os princípios de direitos humanos.
- ✓ Diversidade étnicorracial: visa levar aos alunos compreender e ter consciência da importância e influência da cultura africana e na sociedade atual, visando à contribuição na construção de sua personalidade, seja como afrodescendente ou não, além de inculcar o respeito à diversidade nas características físicas e culturais. Conhecer a raiz da história africana e os termos comuns a este aprendizado é essencial para que o educador conduza de forma eficiente e eficaz o assunto. Além da quebra de pré-conceitos, inerentes à conduta do ser humano. É dever das instituições formadoras desenvolver propostas pedagógicas que permeiem essa discussão.
- ✓ Violência: criança, adolescente e a escola: O Estatuto da Criança e do Adolescente especifica que toda criança deverá estar protegida de ações que possam prejudicar seu desenvolvimento. No entanto, a realidade de transgressão a esse direito atinge uma parcela significativa de crianças, que têm seu cotidiano permeado por variadas formas de violência. Torna-se de extrema importância discutir na formação de professores os aspectos que envolvem a violência sofrida por crianças e jovens, pois eles influenciam seu processo de desenvolvimento da aprendizagem na escola.
- ✓ Encontro Científico da Alta Paulista: Pesquisas indicam que a participação dos estudantes em eventos científicos pode auxiliar no desenvolvimento da formação acadêmica. É uma oportunidade de discutir questões de ordem social à luz da teoria científica. Além disso, compreendemos que os eventos científicos criam a possibilidade de interação entre os estudantes e os profissionais da área e favorecem o acesso a novas informações.



CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO

PRAÇA DA REPÚBLICA, 53 – CENTRO/SP - CEP: 01045-903
FONE: 2075-4500

Atividade Teórico-Prática Aprofundamento (ATPA)	Temáticas	Etapas / alunos envolvidos		C. H.	Descrição da atividade	Registro / Avaliação da ATPA
		Elaboração/Desenvolv.	Execução (Mês)			
Recepção de novos alunos	1. Educação Ambiental e Sustentabilidade	2º semestre	Fevereiro	20	A atividade será realizada pelos alunos do 2º semestre. Neste período, deverão planejar e desenvolver uma ação de educação ambiental e sustentabilidade que será executada na recepção dos alunos novos (calouros) no início do semestre subsequente (3º semestre).	Todas as atividades teórico-práticas de aprofundamento deverão ser registradas por meio de uma resenha crítica (resumo da atividade, destaque dos pontos fortes, apontamento das deficiências e/ou pontos que, sob a óptica do aluno, poderiam ser mais bem trabalhados). A resenha deve fazer parte do portfólio do aluno, que será um dos instrumentos de avaliação ao final de cada semestre.
Semana da Inclusão da Pessoa com Deficiência	1. Inclusão e Sociedade	3º semestre	Maio	20	A atividade será realizada pelos alunos do 3º, 5º e 7º semestres. No primeiro bimestre, eles deverão planejar e desenvolver as atividades que serão realizadas no evento (por exemplo, oficinas sensoriais, palestras, debates, mesa redonda, etc.). A execução (o evento) será em uma semana do final do semestre, envolvendo todos os acadêmicos da instituição e comunidade regional.	
	2. Cidadania e Direitos Humanos	5º semestre		20		
	3. Violência: criança, adolescente e a escola	7º semestre		20		
Projeto Cultural	1. Construção da Identidade Cultural	1º semestre	Agosto	20	A atividade será realizada pelos alunos do 1º semestre. Neste período, deverão planejar e desenvolver atividades (saraus poético e musical, dramatizações, gincanas literárias, etc.) visando à construção de uma identidade cultural. A execução (evento) será no início do semestre subsequente (2º semestre), em comemoração ao Dia do Estudante.	
Dia da Responsabilidade Social	1. Educação Ambiental e Sustentabilidade	2º semestre	Setembro	20	A atividade será realizada pelos alunos do 2º, 4º e 6º semestres. Eles deverão planejar e desenvolver as atividades que serão realizadas no evento (por exemplo, debates, mesa redonda, campanha ambiental, etc.). A execução (o evento) será realizada no mês do Dia da Responsabilidade Social, envolvendo todos os acadêmicos da instituição e comunidade regional.	
	2. Diversidade de Gênero	4º semestre		20		
	3. Diversidade Etnicorracial	6º semestre		20		
Encontro Científico da Alta Paulista	1. Construção da Identidade Cultural 2. Educação Ambiental e Sustentabilidade 3. Inclusão e Sociedade 4. Cidadania e Direitos Humanos 5. Violência: criança, adolescente e a escola 6. Diversidade de Gênero 7. Diversidade Etnicorracial	8º semestre	Novembro	20	A atividade será realizada pelos alunos do 8º semestre. Eles deverão planejar e desenvolver um trabalho (resenha, relato de experiência, etc.) ou artigo científico, dentro do contexto da educação, envolvendo uma das temáticas das ATPAs desenvolvidas em sua formação. Este trabalho deverá ser apresentado no Encontro Científico da Alta Paulista, na modalidade pôster ou comunicação oral. O evento é realizado na primeira semana do mês de novembro e envolve toda a comunidade acadêmica regional.	

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ideia de transdisciplinaridade envolve não só os conteúdos disciplinares, mas também algo que vai entre, através e além das disciplinas. Diante disso, nossa proposta envolve temas de ordem política e social emergentes e que permeiam a prática de todos os profissionais envolvidos na educação, principalmente os professores.

Nesse sentido, encaramos que a vivência e o contato com estes temas na formação inicial se fazem de maneira imperiosa. Diante disso, esperamos que esta proposta possa qualificar ainda mais a formação de nossos futuros professores, com o intuito de que sejam agentes transformadores da realidade pela sua prática.

REFERÊNCIAS

- ALVES, J. A. L. **Os Direitos Humanos na Pós-Modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 2005
- FREIRE, P. **Educação e mudança**. Coleção Educação e mudança vol.1.9ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983
- GUERRA, V.N. A. Violência física doméstica contra crianças e adolescentes e a imprensa: do silêncio à comunicação [tese doutorado]. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica; 1996
- HALL, S. **A Identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HERNÁNDEZ, F. **Catadores da Cultura Visual**: transformando fragmentos em nova narrativa educacional . Porto Alegre: Mediação,2007.
- LEFF, Enrique. **Saber ambiental**: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
- PARKER, R. G; BARBOSA, R. M(Orgs.)**Sexualidades brasileiras**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1996.
- SASSAKI, R. K. **Inclusão**: construindo uma sociedade para todos. Rio de Janeiro: WVA, 1997.